



UnB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
ICS - INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
SOL - Departamento de Sociologia

LUCAS ASSIS SOUZA

**A IDEIA DE COMUNISMO PARA O BOLSONARISMO DE *WHATSAPP* NO  
DISTRITO FEDERAL**

BRASÍLIA  
2020

LUCAS ASSIS SOUZA

**A IDEIA DE COMUNISMO PARA O BOLSONARISMO DE WHATSAPP NO  
DISTRITO FEDERAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Sociologia da  
Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de  
Bacharel em Sociologia.**

**Orientador: Prof. Dr. Marcelo Carvalho Rosa**

**DEZEMBRO  
2020**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS ASSIS SOUZA

## A IDEIA DE COMUNISMO PARA O BOLSONARISMO DE *WHATSAPP* NO DISTRITO FEDERAL

**Orientador: Marcelo Carvalho Rosa**

APROVADO:            de                                    de 2020.

---

Prof.: Dr. Marcelo Carvalho Rosa  
(orientador)  
(UnB)

---

Prof.: Dra. Berenice Alves Bento  
(UnB)

Dedico esta pesquisa ao quinto elemento do *Hip-Hop*

## AGRADECIMENTOS

À toda minha família, em especial à minha mãe Delmam e ao meu pai Ednaldo, que sempre me deram suporte e incentivo nos caminhos que escolhi tomar na vida. Sem eles nada disto seria possível. Serei grato eternamente e amo muito vocês.

Ao *Hip-Hop* que me fez escolher a área da sociologia e me deu forças e motivação para querer ir até o fim. Agradeço em especial a Junior e Wilassan que me serviram de exemplo e inspiração nesta caminhada.

À Janete, Amaral, Matheus, Nayara e Eduardo que estiveram comigo em todos os dias que fui à UnB e me deram emprego e almoço durante toda a etapa da minha graduação na Universidade de Brasília, vocês tornaram tudo mais fácil. Obrigado pela oportunidade, confiança e aprendizado infinito.

À minha namorada Keyla, que sempre esteve do meu lado me transmitindo confiança e inspiração. Muito obrigado pelos seus sábios conselhos que me fizeram crescer como pessoa e profissional.

Ao Grupo de Estudos Retóricas do Poder e Resistências e, em especial, à professora Berenice Bento que me abriram portas, me deram ferramentas e fizeram a sociologia ser algo possível e agradável na minha vida.

Aos amigos do grupo Papo de Maluco Records que compartilharam dos momentos desta pesquisa, me deram apoio, contribuíram com sugestões e tornaram as coisas mais leves. Obrigado Coração, Fernando, Kosby, Tufas, Willy, PG, Camila e Raul.

À Cripta RPG pela hospitalidade e aceitação que tornaram possível eu ter a oportunidade de fazer esta pesquisa mesmo com as limitações impostas pela pandemia.

À Fernando e Maria por me darem uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Karina, Marco, Julia, Ricardo, Lucas, Maurício, Maurília, Léo, Salésio e todos os outros amigos e amigas que abriram as portas de suas casas quando precisei. Obrigado pelo carinho e hospitalidade.

Aos grandes amigos Eike, Gustavo e Cynara que me abraçaram quando cheguei na UnB e foram os primeiros a me dar oportunidades e amizade.

Ao meu querido orientador Marcelo Rosa que me fez perceber que um TCC não é um monstro. Muito obrigado pela prontidão, compreensão e tranquilidade que tornaram esta pesquisa possível.

À UnB, à UFSC e professoras e professores que me proporcionaram um aprendizado acadêmico de qualidade durante a minha graduação.

À comunidade de marmiteiros, vendedores, ambulantes e comerciantes da Universidade de Brasília, em especial Vagner e família, Washington e família, Leandro, Bárbara e família, Luiz, Luizinho, Baiana e família, Fábio e Cristian.

À comunidade que frequentava a FAU e o ANTRO por tornarem a vivência no campus uma atividade realmente universal e crítica, em especial Gabão e From Hell.

À todos meus amigos e amigas que encontrei nesta caminhada e formaram uma grande família de coração e afeto. Salve para Pedro Barrabás que compartilhou comigo os momentos de intervalo e distração durante a produção desta monografia.

À todos que se interessaram pela minha pesquisa, me ouvindo falar sobre ela e me pedindo para ler quando estivesse pronta.

Em memória da minha prima Ruthyelen que fez a passagem enquanto eu fazia esta pesquisa e que tinha uma vida inteira pela frente. Thiago, Merabe e Chiquinho, parabéns pela força e exemplo de vida.

Em memória das grandes almas que partiram deste plano neste ano, deixando muita saudade: meu avô Paulo, meu grande amigo Bruno, meu mestre Tha Ghatta e minha irmã de alma Layla.

quando o enterro passou  
os homens que se achavam no café  
tiraram o chapéu maquinalmente  
saudavam o morto distraídos  
estavam todos voltados para a vida  
absortos na vida  
confiantes na vida.

um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado  
olhando o esquife longamente  
este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade  
que a vida é traição  
e saudava a matéria que passava  
liberta para sempre da alma extinta  
-Manuel Bandeira, *Momento num café*

## RESUMO

Esta monografia aborda a ideia de comunismo para o bolsonarismo de *WhatsApp* no Distrito Federal, com 10 entrevistas qualitativas aplicadas com integrantes de um grupo de *WhatsApp* bolsonarista. Através da metodologia da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2012) e da observação não-participante aplicada no contexto da pandemia do COVID-19, esta pesquisa tem como produto o esboço de que o objeto desta pesquisa, além de possíveis pequenas originalidades, é formado pelos conceitos de anticomunismo dos países democráticos onde o movimento comunista é diminuto, pelo anticomunismo dos regimes fascistas (BOBBIO, 2010) e pelas três vertentes do anticomunismo brasileiro, com destaque para a vertente liberal (SÁ MOTTA, 2002).

**Palavras-chave:** *comunismo, anticomunismo, bolsonarismo, teoria ator-rede*

## ABSTRACT

This monograph aims to understand the notion of communism to the members of a Jair Bolsonaro support WhatsApp community based in the Brazilian Federal District. Taking the Actor-Network-Theory methodology, the work analyses 10 WhatsApp interviews carried out during the COVID-19 pandemic in 2020. The main conclusion points to the fact that the notion of communism shared by the member is composed of three sources: the notion of communism from democratic countries with small communist communities, by the notion of communism originated in fascist regimes and by the Brazilian anti-communists, especially the liberal front.

**Keywords:** *communism, anti-communism, bolsonarism, actor-network theory*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - MATERIAL E MÉTODOS</b>	<b>14</b>
1.1 Métodos	14
1.2 Versões e construções sobre o comunismo na literatura	20
1.2.1 Anticomunismo	21
1.2.2 Comunismo	23
1.2.3 Comunismo e anticomunismo na América Latina	35
1.3 Sobre o “ressurgimento” do anticomunismo no século XXI	44
<b>CAPÍTULO 2 - RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>48</b>
2.1 Resultados	48
2.1.1 Universo pesquisado	49
2.1.2 Síntese das respostas	50
2.2 Discussão	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>61</b>
<b>Anexo - Íntegras do questionário e entrevistas</b>	<b>63</b>

# INTRODUÇÃO

Inicialmente, esta pesquisa tinha como objetivo estudar a ideia de comunismo para os moradores das regiões administrativas com maior índice de Índice de Desenvolvimento Humano no Distrito Federal, através de entrevistas feitas nas ruas destas regiões. Porém, devido às complicações da pandemia do coronavírus, o método de pesquisa de entrevistas face a face teve que ser substituído por um que respeitasse as medidas de isolamento. Por conseguinte, e graças a estas circunstâncias inesperadas, a oportunidade de adentrar num grupo de whatsapp chamado “Conservadores do DF” surgiu como a melhor alternativa para realizar as entrevistas e contornar as dificuldades apresentadas pela pandemia. A maneira como isso se deu está melhor explicada no Capítulo 1 - *Material e Métodos*.

Esta pesquisa **justifica-se** pela volta enfusiva do uso dos termos “comunismo” e “comunista” no debate político brasileiro<sup>1</sup>. Por exemplo, já no ano de 2013, o jornalista Augusto Nunes, em sua coluna da revista Veja, dava espaço para um texto de Reynaldo Rocha; na manchete e na sub-manchete estava escrito que “O PT têm a obrigação de assumir que é um partido comunista (...) passou da hora de se chamar as coisas pelo nome”<sup>2</sup>. Em 2019, o Itamaraty publicou artigo do então ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo, com o título de “Para além do horizonte comunista (Terça Livre, 18/12/2019)”. Neste artigo - onde a palavra *comunista* aparece vinte e seis vezes, *comunismo* dezenove vezes e a palavra *marxismo* aparece nove vezes - Ernesto Araújo afirma que

“(...) o horizonte comunista quer voltar a estrangular-nos. Quer regressar na (*sic*) Bolívia (Evo Morales foi acolhido pelo novo governo e está ali, a poucos quilômetros da fronteira, à espreita). Quer voltar no(*sic*) Chile, no(*sic*) Equador e na(*sic*) Colômbia, quer voltar no(*sic*) Brasil. Quer ‘iluminar’ com suas trevas essas grandes nações que são a Venezuela, o México e a Argentina” (“*Para além do*

---

<sup>1</sup> Olavo de Carvalho coloca o PT e o jornalista Marco Antônio Villa como comunistas neste texto de 2015 <https://olavodecarvalho.org/o-comunismo-dos-imbecis/> e em 2020 avalia a performance anticomunista do governo Bolsonaro <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/04/olavo-de-carvalho-diz-que-bolsonaro-e-fracasso-na-luta-contra-comunismo.htm>

<sup>2</sup> “Reynaldo-BH: O PT têm a obrigação de assumir que é um partido comunista” <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/reynaldo-bh-o-pt-tem-a-obrigacao-de-assumir-que-e-um-partido-comunista/>

*horizonte comunista*”, artigo de Ernesto Araújo para a revista Terça Livre em 18/12/2019<sup>3</sup>)

Sendo assim, visto que este rótulo passou a ser mais presente - sobretudo após e durante o golpe de 2016<sup>4</sup> - acreditei ser de alguma valia investigar a composição de um dos argumentos mais utilizados nas disputas contemporâneas pelo poder, diretamente com aqueles que lançavam as patentes.

O **objetivo** aqui estabelecido foi o de esboçar um entendimento do que seria o comunismo e de quem seriam os comunistas na compreensão dos integrantes deste grupo de simpatizantes do governo Bolsonaro. Para dar base à esta investigação, foi preciso visitar brevemente diversas definições e correntes do comunismo e, de modo geral, da esquerda mundial - posto que muitas vezes os sujeitos que recebiam este adjetivo, no ponto de vista acadêmico, não eram comunistas - outras vezes, nem mesmo de esquerda. O conteúdo levantado nestas leituras está no subcapítulo “*Material*”.

A **hipótese** levantada com a execução do projeto desta pesquisa foi a de que provavelmente as repostas colhidas nas entrevistas teriam uma maior sintonia com as noções de comunismo divulgadas pela propaganda anticomunista americana que ganhou notoriedade nos anos da Guerra Fria.

Como produto da orientação desta monografia, consultei os conceitos da teoria ator-rede de Bruno Latour para a interpretação das entrevistas e também, como diria Latour, para “rastrear o social”. O mais importante com esta teoria é a característica de não dar saltos explicativos, manter-se no micro e segurar a tentação das macro explicações ideológicas - ou seja, partir das conexões apresentadas pelas respostas dos entrevistados e avançar passo a passo. Para que isso fosse alcançável, adotei a postura de interpretar as entrevistas primeiramente por si só, tentar entender o que significava comunismo para os entrevistados, me restringindo ao que foi dito por eles, sem julgamento da resposta como certa ou errada, para identificar os atores que compunham a rede de conexões da ideia de comunismo para esta parcela de

---

<sup>3</sup> “Para além do horizonte comunista (Terça Livre, 18/12/2019)”

<https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores-1/artigos-mre/para-alem-do-horizonte-comunista-terca-livre-18-12-2019> ou aqui [http://funag.gov.br/images/Nova\\_politica\\_externa/ME\\_TercaLivre\\_NPE.pdf](http://funag.gov.br/images/Nova_politica_externa/ME_TercaLivre_NPE.pdf)

<sup>4</sup> “Pela família e inocência das crianças que o PT nunca respeitou, contra o comunismo, o Foro de São Paulo e em memória do coronel Brilhante Ustra, o meu voto é sim” voto de Jair Bolsonaro no impeachment de Dilma Rousseff em 2016.  
<https://laurochammacorreia.jusbrasil.com.br/noticias/325696683/impeachment-dilma-as-melhores-perolas-dos-deputados-para-justificarem-o-voto>

integrantes do grupo de *WhatsApp* do Distrito Federal de apoiadores do governo Bolsonaro; e, a partir daí, continuar a construção da rede conectando novos atores.

Assim sendo, a pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de comunismo serviu como material de análise posterior à detecção de alguns dos principais aspectos da ideia de comunismo para estes integrantes do grupo de *WhatsApp*, com a finalidade de testar a hipótese de pesquisa e de, a partir da construção da rede, continuar as conexões dos atores com o material bibliográfico. O resultado deste procedimento está no capítulo *Resultados e Discussão*.

Portanto, a primeira parte deste trabalho é um pequeno exercício de como a literatura aborda o comunismo. A segunda parte, por conseguinte, contém a exposição dos dados obtidos pelas entrevistas e as reflexões geradas a partir da teoria ator-rede e da literatura levantada. As entrevistas na íntegra e *ipsis litteris* estão em anexo.

Das cinquenta e oito pessoas convidadas para participar desta entrevista, dez aceitaram compor nossa amostra. Algumas responderam as perguntas por texto, outras por mensagens de áudio e outras alternaram entre as duas formas de comunicação - estas diferenças estão sinalizadas no corpo das entrevistas em anexo. Há também diferenças do tamanho da resposta de entrevistado para entrevistado - os que falaram pouco foram estimulados a se alongarem, porém nem sempre o fizeram. Tais respostas, embora não sejam as ideais, foram inseridas e interpretadas como o que o entrevistado tinha para falar sobre o assunto, mesmo que seja pouco. Tomamos esta característica como passível de interpretação e a adicionamos como dado componente da rede de conexões da ideia de comunismo para os entrevistados (ver *2.1.3 Universo Pesquisado*).

Esta monografia se disponibiliza como uma prévia, ou uma inspiração, para que um estudo de maior profundidade e impacto estatístico possa ser elaborado futuramente sobre este tema.

# 1. MATERIAL E MÉTODOS

## 1.1 - Métodos

Um dos problemas iniciais para conseguir fazer as entrevistas de forma digital era obter contatos de pessoas reais. A maneira para solucionar este problema foi obra do acaso e só a partir dela pude mudar realmente o meu objeto de pesquisa e reiniciar os trabalhos - parados devido a pandemia e as medidas de isolamento social; o relato desta virada vem a seguir.

Há um tempo sou integrante de um grupo de RPG (Jogo de simulação de realidades que pode ser feito tanto digitalmente quanto presencialmente) no WhatsApp, porém nunca consegui ser um membro participante efetivo devido à falta de tempo; a ideia de sair do grupo me vinha já há um tempo mas nunca a conclui, ainda bem. Pois certo dia, um dos integrantes mandou mensagem privada para todos participantes do grupo, nos convidando para ingressar no grupo de whatsapp “Conservadores do DF”; um grupo para pessoas que defendiam o presidente Jair Bolsonaro e que eram contra o comunismo. Estava ali a oportunidade para conseguir os contatos e executar minhas entrevistas de forma digital, e, após quatro dias de reflexões, decidi aceitar o convite em 18/04/2020.

Ao ingressar, por estar usando o meu número pessoal e pelo clima nada amistoso que vivemos em 2020, resolvi adotar uma série de precauções para não comprometer a minha fonte de contatos (e, talvez, a minha integridade física), uma delas foi manter uma atitude *low profile* e privada da minha imagem - portanto: retirei minha foto, mantive apenas meu primeiro nome no meu perfil do WhatsApp e adotei a metodologia de *observação não participante* de forma rigorosa. Além disso, como maneira de organização, tomei emprestado um celular antigo de um amigo - obrigado Fernando e Maria - e comprei um novo *chip* para usar exclusivamente na execução das entrevistas enquanto eu participava do grupo com meu número pessoal. Porém, sugiro executar este tipo de pesquisa sem envolver o número pessoal - pois o mesmo consta em diversos cadastros na internet. Infelizmente, no meu caso não foi possível pois foi pelo meu número pessoal que recebi o convite para ingressar no grupo.

A incorporação da *persona*, interpretando um disfarce, poderia ser uma tática para gerar confiança com os entrevistados - porém, devido aos fatores expostos acima, uma das minhas preocupações era não gerar vínculos com os entrevistados. Sendo assim, interagir buscando causar uma impressão convidativa não se mostrou como uma tática adequada.

Por cerca de quatro meses estive em observação para detectar pessoas reais e que não estivessem na mesma condição que eu - devido a facilidade que era para entrar no grupo (fato que pude constatar por experiência própria), e para entender a dinâmica e o perfil dos integrantes. Sendo assim, com a virada do semestre, passei a catalogar todos os integrantes organicamente ativos e a abordá-los aos poucos para aprimorar o texto de abordagem.

Comecei com um texto curto, dizendo apenas que se tratava de uma pesquisa de opinião política e convidando a pessoa para participar. Fui respondido com novas perguntas e desconfianças, e com elas fiz um texto novo - por conseguinte, as entrevistas passaram a acontecer. As novas informações que inseri foram: meu nome, instituição de ensino e método de pesquisa - além de palavras para tranquilizar o entrevistado de que nenhuma informação evasiva seria requisitada e que o entrevistado estava livre para responder somente as perguntas que quisesse. Foi uma decisão difícil dar a condição de opcional para perguntas cruciais para o objetivo da pesquisa, mas foi a maneira de deixar os entrevistados à vontade para que as entrevistas pudessem acontecer. Mesmo assim, todos os dez contatos que concordaram em ser entrevistados responderam a todas as perguntas.

Muito desta desconfiança vem do clima político polarizado que vivemos. Nestes tempos, o conceito de “*distribuição social do conhecimento*” de BERGER e LUCKMANN em “*A Construção Social da Realidade*”(2014, p. 65) torna-se muito próximo do nosso dia. Tanto o é que, mesmo na interação digital, foi necessário uma certa quantidade de métodos de aproximação que me tornasse alguém “digno” de receber a opinião dos entrevistados. Posto isto, tomei como fato que caso eu me apresentasse como estudante de Sociologia da UnB a minha taxa de resposta seria mínima, ou nula, comprometendo a realização da pesquisa - pois hoje no Brasil as universidades públicas e, principalmente, o corpo docente e discente dos cursos de Ciências Sociais, são alvos de perseguições tanto institucionais quanto sociais que deram a este grupo um rol de tipificações preconceituosas - tanto o é que a entrevistada N°4 deu como exemplo de comunistas “os *próprios* estudantes das universidades brasileiras”.

Nas poucas entrevistas face a face que fiz para esta pesquisa antes da pandemia (que foram descartadas devido à mudança do objeto de pesquisa), a abordagem não necessitou de muitas palavras mas sim de boas vestimentas. Consegui executá-las apenas abordando as pessoas na rua de maneira simples e vestido com trajes sociais. Quando a pesquisa teve que migrar para o lado digital, decidi inicialmente não mudar muito as táticas do face a face; fiz as primeiras abordagens também com poucas palavras e uma foto minha um pouco descaracterizada e com uma camisa social. Não surtiu efeito e passei a receber diversas perguntas pessoais. Perguntavam quem eu era, onde eu estudava, qual o curso e quais eram as minhas intenções. Por conseguinte, refiz o texto de abordagem e, como foi dito acima, dessa vez gastei algumas linhas - disse meu nome, minha instituição de ensino, meu método de pesquisa e afirmei que eu era estudante de Ciências Políticas; o que está longe de ser mentira. Esta última informação foi a não exata no texto de apresentação; e só ocorreu devido a atual polarização da sociedade brasileira (já explicada anteriormente) e ao contexto de pandemia que reduziu diversas oportunidades.

Mesmo com estes desenvolvimentos na abordagem, certo grau de desconfiança ainda estava presente.

Acreditei que era necessário tomar parte de outras linguagens para ter acesso à *distribuição social de conhecimento* dos entrevistados. Resolvi adotar um símbolo que não fosse agressivo, nem força-barras, e alterei a minha imagem de perfil do Whatsapp para a bandeira do Brasil. Além disso, como foi dito acima, deixei no texto que todas as perguntas eram opcionais - embora não fossem - e que o entrevistado poderia responder só o que ele se sentisse à vontade para fazê-lo. Passei também a enviar todas as perguntas de uma vez, logo que o entrevistado declarasse que iria participar da pesquisa - primeiramente fiz isto por pedidos, depois passei a fazer com todos. Embora o número de rejeições foi muito maior do que as permissões - numa proporção de quase seis rejeições para uma permissão, foram estas atitudes descritas acima que fizeram as entrevistas serem concluídas com maior frequência.

Nas perguntas mais importantes, sugeri que me respondessem de preferência por áudio. Ao decidir que faria as entrevistas desta pesquisa de forma digital, um dos meus receios era receber respostas forjadas, copiadas da internet ou que fugissem da opinião própria e pessoal da entrevistada; por conseguinte, as respostas por áudio me pareciam uma boa medida reguladora deste problema. Por exemplo, com a entrevistada N°3, o início de sua fala soa

como uma leitura e posteriormente sua voz parece tomar um tom mais espontâneo. Mas, infelizmente, dada as circunstâncias de poucas possibilidades, fazer muitas exigências poderia comprometer a realização desta pesquisa - portanto, tive que ser flexível em todas questões que fugissem do essencial que era estar no círculo da *distribuição social de conhecimento* do objeto de pesquisa e obter as informações.

Uma das justificativas metodológicas para esta pesquisa baseia-se nas reflexões encontradas em *A Construção Social da Realidade* de Peter Berger e Thomas Luckmann. De acordo com os autores, o sistema de linguagem é o mais complexo e fundamental de todos os sistemas, pois é deste sistema que todos os outros são estudados, descritos, interpretados e passados adiante. Além disso, para BERGER e LUCKMANN a realidade é construída socialmente e sendo assim devemos estudar sociologicamente o senso comum, pois ali está a construção da realidade: na *vida cotidiana* - para isso devemos compreender a realidade do mundo da vida cotidiana, observar a estruturas sociais, que nada mais são do que “a soma das tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecido por meio delas”; observar que “a vida cotidiana é sobretudo a vida com linguagem” e que pela linguagem passamos os conhecimentos através das gerações. É com a ferramenta da linguagem e percorrendo o território do senso comum e da vida cotidiana que pretendo ter, com esta monografia, um esboço da ideia de comunismo que circula dentro destas fronteiras. (BERGER & LUCKMANN, 2014, p. 52)

Ainda com BERGER e LUCKMANN, é possível projetar que as mudanças de significados para o mesmo conceito, têm essa alternância porque as pessoas têm familiaridade com uma coisa da forma que ela se apresenta rotineiramente na sua realidade da vida cotidiana. Por isso, o conceito de comunismo para um estudante de Ciências Sociais, treinado para se basear pelas fontes mais primárias possíveis, provavelmente será muito diverso daquele que têm qualquer outra pessoa que se informe politicamente por fontes secundárias, ou precarizadas - como é o caso da maioria do conteúdo que circula no aplicativo de mensagens WhatsApp.

Algumas das ferramentas metodológicas da teoria ator-rede de LATOUR (2012) foram utilizadas para a análise das entrevistas. Por conseguinte, sob o prisma de que

“(…)o adjetivo ‘social’ não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais” (LATOUR, 2012, p.23)

Procurei entender quais conexões os bolsonaristas entrevistados fazem com o conceito de comunismo, levando em conta todas as coisas que podem participar da construção destas conexões. Por exemplo, mais de uma vez o governador de São Paulo João Dória foi apontado como um exemplo de comunista, assim como o prefeito da capital do estado, Bruno Covas (ver entrevista nº5 e nº8). A rixa dos tucanos paulistas com o governo federal iniciou-se em 2019, e a conexão do governo de São Paulo com a biofarmacêutica chinesa Sinovac consagrou a ruptura do *BolsoDória*. Dória e Covas passaram então a ser dissidentes do bolsonarismo e, logo, comunistas. No ponto de vista teórico e acadêmico, esta conexão não faria o menor sentido - podemos ir além e dizer que dois anos atrás esta conexão não faria sentido para ninguém - porém, com os novos elementos oriundos do surgimento da pandemia do COVID-19 e, principalmente, a conexão entre o Instituto Butantan e o governo chinês para a produção de uma vacina, fizeram de Dória e Covas os novos comunistas. Isto porque o principal guru do bolsonarismo, Olavo de Carvalho, é um dos precursores do aumento do discurso anti-vacina no Brasil desde 2016<sup>5</sup>. Além disso, o surgimento de uma nova pandemia, a produção de uma nova vacina e a relação com um governo comunista chinês foram as novas “coisas” - que “não são em si mesmas sociais” (*Idem.*) - para as conexões da ideia de comunismo bolsonarista; e conseqüentemente, elas trouxeram novos comunistas: João Dória e Bruno Covas.

Ainda sobre noção de social para Latour e as competências das conexões, apresento a seguinte passagem:

“Tenciono, pois, redefinir a noção de social remontando ao seu significado primitivo e capacitando-o a rastrear conexões novamente.” (LATOURE, 2012, pg.18)

Sendo assim, uma das tarefas da sociologia para Latour seria a de buscar estas associações, pois o social é como um “movimento peculiar de reassociação e reagregação” (LATOURE, 2012, p. 25). Dessa forma, ao buscar essas associações nós devemos, dentre outras coisas:

“Reformular nossas concepções daquilo que estava associado, pois a definição anterior se tornou praticamente irrelevante” (LATOURE, 2012, pg. 23)

E é por isso que esta pesquisa não usa as diversas correntes e definições da ideologia comunista como um gabarito moral para as respostas das entrevistas, como se eu estivesse esperando que os entrevistados me falem de algo que eu já conheço para que eu possa

---

<sup>5</sup>“Olavo de Carvalho, guro de Bolsonaro, é contra a vacinação infantil”  
<https://catracalivre.com.br/cidadania/olavo-de-carvalho-guru-de-bolsonaro-e-contra-vacinacao-infantil/>

avaliá-los ou qualquer coisa do tipo - e sim como material de análise, reflexão e especulação negativa do que se trata a ideia de comunismo para esta pequena parcela de apoiadores do governo Bolsonaro no Distrito Federal e para, a partir dos atores e conexões formuladas pelos entrevistados, continuarmos a construção da rede trazendo novos atores e novas conexões.

“os deveres do cientista social mudam concomitantemente: já não basta restringir os atores ao papel de informantes de casos de tipos bem conhecidos. É preciso devolver-lhes a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social.” (LATOURE, 2012, pg.31)

Portanto, as perguntas das entrevistas são o que são: um pedido que o entrevistado elabore “suas próprias teorias” sobre o conceito de comunismo, o ponto de partida para a caminhada do método *ANT* (*Actor-Network Theory*/ Teoria Ator-Rede) de Latour. A sigla em inglês da teoria forma a palavra *ant* que quer dizer formiga na língua anglo-saxã - e deste significado Latour faz uma metáfora para o método de sua teoria: o investigador social deve ser como uma formiga, andar o trajeto em pequenos passos, não dar grandes saltos e não querer prever acontecimentos com uma visão aguçada para o fim do horizonte (LATOURE, 2012, p. 28)

Porém, a teoria ator-rede não defende o fim da instância macrossociológica em benefício da micro sociológica, e sim ter em mente de que é impossível permanecer por muito tempo somente em uma delas (2012, p. 246). E mais:

“O macro já não descreve um local *maior* ou *mais amplo* em que o micro possa ser encaixado (...), mas em outro lugar igualmente local, igualmente micro, conectado a muitos outros por algum meio que transporta tipos de traços específicos. Nenhum lugar é maior que outro, mas alguns se beneficiam de conexões bem mais seguras com *mais* lugares (...). O que agora se ressalta muito mais vividamente são as conexões, fios, meios de transporte e veículos que ligam lugares.”

(Latour, 2012, p.255 - grifos do autor)

Para a construção desta rede algumas precauções devem ser tomadas como não separar “os dados em duas porções: uma local e outra global” pois, para Latour e a teoria ator-rede, tentar mensurar os tamanhos dos dados dessa forma é “estragar a construção de uma rede”(2012, p.257).

Portanto, acredito que com isto esteja justificada a metodologia aqui empregada de colocar em segundo plano o material bibliográfico sobre o história e as diversas teorias que se relacionam com o conceito de comunismo, para que assim este material possa ser usado na

construção das redes de conexões somente numa etapa posterior à observação da elaboração conceitual própria dos entrevistados.

A descrição do material bibliográfico reunido está a seguir.

## 1.2 - Versões e construções sobre o comunismo na literatura

Reafirmando, esta breve reunião de algumas das teorias da mesma origem que a comunista, servirá para: (i) prosseguir com a construção da rede a partir dos atores conectados pelos entrevistados (ii) avaliar as possíveis localizações dos atores invocados pelos entrevistados dentro do material bibliográfico reunido. Para estes fins, foi feito um breve apanhado das principais correntes comunistas através do *Dicionário de Política* de Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino (2010). Além disso, para contextualizar os mecanismos de dominação geopolítica que mais fizeram uso pejorativo do conceito de comunismo, a seguinte bibliografia foi mobilizada: *O Orientalismo* de Edward Said, *Universalismo Europeu* de Immanuel Walleinstein e as primeiras duas partes do livro *Poder e Terrorismo* de Noam Chomsky - todos livros do programa do Grupo de Estudos Retóricas do Poder e Resistências (GERPOR - UnB) - dentre outros (ver *Bibliografia*). Como já é sabido, o conceito de luta contra o comunismo foi usado para justificar intervenções militares em outros países, da mesma forma que os conceitos de luta contra o terrorismo, guerra às drogas e de luta pela civilização da humanidade (CHOMSKY, 2005, p. 91, WALLRSTEIN, 2007, p. 17).

Para testar a hipótese de pesquisa e adicionar elementos a construção da rede de conexões do objeto de pesquisa, tomei como base os verbetes do *Dicionário de Política* (BOBBIO, 2010) de *comunismo, anticomunismo, socialismo, trotskismo, stalinismo, leninismo, internacionalismo, eurocomunismo, maoísmo, estado do bem-estar social, social-democracia, bolchevismo, blanquismo, jacobinismo, internacionalismo*, dentre outros.

Para compreender a atuação do movimento anticomunista no Brasil, foram usadas as informações contidas em SÁ MOTTA (2002), OLIVEIRA (2004), GRISOLIO (2015), MORAES (1989), SILVA (2010), e COSTA (1994).

### 1.2.1 - Anticomunismo

Segundo o *Dicionário de Política* a definição de anticomunismo no plano ideológico é difícil de ser determinada, já no plano político a definição se torna mais concreta; de qualquer forma, ideologicamente pode-se dizer que o anticomunismo é o pensamento de oposição ao comunismo. Suas características mudam dependendo do contexto, país e regime de governo (BOBBIO, 2010, p.34).

Enquanto o comunismo se manteve mais no patamar das ideias, o anticomunismo também fazia o mesmo; quando aquele se tornava mais concreto, este também o acompanhava - numa sintonia de ação e reação. Mas foi somente a partir da segunda fase da Revolução Russa, chamada de Revolução de Outubro, que o comunismo, e conseqüentemente o anticomunismo, ganharam maior profundidade.

Do ponto de vista dos comunistas, o anticomunismo foi definido como a “ideologia da burguesia em crise”, ou como uma “ideologia negativa” e “anticomunismo visceral”, no sentido de que esta ideologia se resumia em se opor generalizadamente ao comunismo e não em defender bandeiras ou valores.

O anticomunismo também teve diversas variações de tipo, como o anticomunismo fascista, nazista, hitleriano e o anticomunismo americano. Como a edição do *Dicionário de Política* é de 2010, não sabemos se na visão de BOBBIO, PASQUINO MATTEUCCI o bolsonarismo e o olavismo fizeram crescer no Brasil um novo tipo de anticomunismo - tão pouco esta monografia tem alcance estatístico para afirmá-lo - mas é passível de dedução que nos últimos anos a ascensão da extrema direita no mundo (simbolizada pela figura de Steve Bannon<sup>6</sup>) tenha dado nova articulação para o anticomunismo americano, só que dessa vez rompendo a sintonia de desenvolvimento que havia entre o comunismo e o anticomunismo, uma vez que este ressurgiu atualmente de forma autônoma como um mecanismo de retórica da extrema direita e não como uma resposta reacionária daquele, como costumava ser até então (*Idem*).

No plano político, o anticomunismo se manifesta como a recusa de qualquer aliança com partidos e Estados comunistas, mesmo que dentro das regras democráticas e diplomáticas. Dentro dos sistemas políticos nacionais, o anticomunismo encontrou seu extremo dentro dos

---

<sup>6</sup>Steve Bannon, dentre outras coisas, é criador do movimento de extrema direita mundial *The Movement* que atua em estratégias para a eleição de líderes mundiais de extrema direita.

regimes fascistas e reacionários - nestes regimes de sistemática repressão ao comunismo, toda e qualquer oposição popular é tratada como comunista. Já nos regimes democráticos, o anticomunismo se manifesta de acordo com a relevância do movimento comunista. Quando este é relevante, o anticomunismo funciona como um “critério discriminante na formação de coalizões” (BOBBIO, 2010, p. 35), quando ele não o é, o anticomunismo se manifesta como:

“componente fundamental da cultura política difundida, tendo, por isso, uma função importante na integração sócio-política e na legitimação do sistema (...). Revela-se por isso, extraordinariamente eficaz na prevenção ou isolamento de possíveis movimentos de oposição que se refiram, mesmo que genericamente, ao marxismo e às tradições comunistas” (BOBBIO, 2010, pg.35)

No plano internacional o anticomunismo funciona como contenção do crescimento e nascimento de Estados socialistas, e como interferência interna, ou ingerência externa, para reprimir e prevenir movimentos que tenham inspiração comunista, ou vistos dessa forma. (*Idem*)

O termo pode se confundir com o *antisovietismo*, mas não são a mesma coisa pois todo anticomunismo será também antisoviético, porém nem todo antisovietismo é anticomunista - p.ex. a República Popular da China é também antisoviética devido aos seus próprios princípios comunistas que defendiam uma versão original do comunismo para o contexto chinês.

Segundo BOBBIO (2010, p.35), o anticomunismo a partir dos anos 50 e 60 - quando apresentou muita agressividade nos países em subdesenvolvimento - passou a ter uma característica de permanência através da tendência americana de agir como liderança ocidental, e posteriormente, com a queda da URSS, mundial. Porém, para Chomsky:

“(...) o medo do comunismo sempre foi uma completa fraude. Sabemos disso, e faz anos que o sabemos, a partir de documentos internos confidenciais liberados para divulgação pública. A coisa vem do governo Kennedy. Creio que é por isso que nunca é citada” (CHOMSKY, 2005, p. 95)

O anticomunismo esteve muitas vezes como prioridade da política externa americana, tanto o é que foi a motivação maior para os governos americanos permitirem a permanência de nazistas dentro dos EUA no pós-guerra; inclusive com alguns trabalhando para o governo, caso de Wernher von Braun, considerado o pai da NASA. A congressista democrata Elizabeth Holtzman, fundadora do Departamento de Investigações Especiais (*Office of*

*Special Investigations*), em entrevista para o série documentário “*O monstro ao lado*”(NETFLIX, 2019), afirmou que o fato dos os nazistas serem anticomunistas já era motivo suficiente para que eles pudessem entrar no país.

### 1.2.2 - Comunismo

Muito antes de Karl Marx e Friedrich Engels escreverem o Manifesto Comunista, o ideal comunista já tinha surgido. As suas origens são muitas vezes ligadas à formulação de sociedade proposta por Platão em *A República*. Nesta obra o filósofo grego descreve sua sociedade ideal e como chegar até ela. Porém, a maioria de suas sugestões só se aplicavam às classes “superiores”, àquelas que iriam dirigir a sociedade, e não à totalidade da população. A emancipação das outras classes não foi tratada por Platão. Enquanto a massa permaneceria numa vida familiar e econômica tradicional, Platão defendia que entre as classes dirigentes deveria ocorrer a supressão da propriedade privada como maneira de cessar os conflitos de interesses, além da supressão da família para que o afeto não concorresse com o bem público (BOBBIO, 2010, p.204).

A inclusão de pessoas que não fossem das elites em um idealização comunista, só foi aparecer pela primeira vez em passagens bíblicas. Por exemplo, esta passagem de Mateus (6:19-21) condena o acúmulo de riquezas:

19 “Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e onde os ladrões arrombam e furtam”

20 “Mas acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem e onde os ladrão não arrombam nem furtam”

21 “Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Bíblia, Novo Testamento, Mateus Capítulo 6, Versículos 19 à 21)

Além desta, existem também a famosa passagem do camelo na agulha e o rico no céu (Marcos, 10:21,25) e outra passagem em Lucas, Capítulo 6 Versículo 20, afirmando que os pobres seriam os únicos a entrar nos reinos dos céus. Embora outras passagens bíblicas tenham sido usadas para defender a manutenção desigual da sociedade (I Coríntios, 7:20-24 e Efésios 6:5-8), as passagens que defendiam o desapego de bens materiais ganharam destaque nos primeiros séculos do cristianismo

“(...)encontrando manifestação nas ordens monásticas e em formulações doutriniais do tipo daquela de Santo Ambrósio: ‘a natureza colocou tudo em comum para uso

de todos; ela criou o direito comum; a usurpação criou o direito privado”(BOBBIO, 2012, p.205)

Nos primeiros séculos do primeiro milênio, a Igreja Católica teve que lidar com movimentos heréticos como os Cátaros e os Valdenses, que condenavam a propriedade privada e exaltavam a pobreza (BOBBIO, 2012). Havia também o movimento comunista de frei Delcino (1304-1307), os franciscanos com influência joaquiniana, dentre outros movimentos da Idade Média que estavam incomodados com os rumos elitistas que a Igreja tinha tomado desde aquela época. Na Idade Moderna também houveram manifestações comunistas da espiritualidade cristã, como os anabatistas e a pregação de Thomaz Munzer, que pedia um retorno à comunhão e à igualdade do cristianismo das origens (*Idem*).

O utopismo no comunismo teve grande reforço também na época moderna com a obra *Utopia* (1516) de Thomas More (1478-1535). Foi neste século que a desapropriação de terras na Inglaterra tomou volume, colocando muitas pessoas nas ruas e na clandestinidade. O monge Tommaso Campanella (1568-1639), na obra *Cidade do Sol* (1643), descreve uma organização comunista que, assim como em Thomas More, não haveriam pessoas ociosas. Campanella também previa a abolição da família como uma forma de abolir a propriedade privada, numa elaboração análoga à de Platão.

Porém, é no pós-revolução inglesa que surgem aqueles que, para Bobbio, são os primeiros representantes do comunismo ‘utópico’: os niveladores e os cavadores (BOBBIO, 2010, p. 206). Os primeiros ligados à pequena burguesia, e os segundos aos grupos em situação de miséria. Os dois compartilham dos mesmos pontos de partida, os direitos naturais, mas tiram conclusões distintas.

Os cavadores surgem em 1649 usando terras públicas para cultivar e distribuir aos pobres. O movimento dura apenas um ano e depois é dispersado. Os cavadores, que tinham Gerard Winstanley (1609-1676) como nome principal, defendiam a abolição da propriedade privada e, principalmente, da propriedade fundiária. Já os niveladores, acreditavam que a propriedade privada era um direito natural, e um dos mais importantes.

O século XVIII é marcado sobretudo pela produção intelectual de Jean-Jacques Rousseau, principalmente em suas obras “*Projeto de Constituição para Córsega*” e “*Discursos sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*”. Rousseau em suas obras diverge sobre a questão da propriedade. Ora se mostra a favor de pequenas propriedades independentes, ora defende uma ampla socialização da propriedade e coloca esta como o

“ponto culminante de um fatal processo de degeneração” (BOBBIO, 2010, p. 206). Da mesma forma, Etienne-Gabriel Morrely considera a propriedade privada a origem de todos os males.

A Revolução Francesa dá às idéias comunistas uma roupagem política mais concreta. François-Noel Babeuf (1760-1797), influenciado por Rousseau e Morelly, foi um dos maiores responsáveis pelos avanços comunistas desta época. No *Manifeste des plébéiens* (1795), Babeuf, inspirado pelos autores citados, defende que deve-se

“instaurar a administração comum; suprimir a propriedade privada; destinar cada um de acordo com suas aptidões e profissão que conhece; obrigá-lo a depositar o fruto *in natura* no armazém comum e criar a administração de subsistência, que, registrando todos os indivíduos e todas as coisas, fará dividir estas últimas dentro da mais escrupulosa igualdade” (BOBBIO, 2010, p. 207)

No entanto, as maiores contribuições do babuvismo para a tradição comunista são a “instauração da democracia direta e o domínio da minoria iluminada”(BOBBIO, 2010). Desta ideia da minoria iluminada que guia o proletariado para a revolução, virão movimentos como o Blanquismo e o Bolchevismo. Babeuf também defende a “ditadura da insurreição”, os revolucionários deveriam adotar medidas políticas extremas sem hesitação - daqui virá o “primeiro germe de uma ideia que terá importância na concepção de Marx e Engels”(BOBBIO, 2010).

Blanquismo, capitaneado por Louis Auguste Blanqui, é a ideia de que a revolução violenta de uma “elite de militantes” seria a única maneira de tornar a revolução possível. Ela seria organizada por um grupo limitado e fechado de líderes, estes avaliariam qual o momento mais adequado para a insurreição ser posta em prática, armar o povo e instruí-lo. Esta ação revolucionária de uma minoria seria o abre-alas para a instalação do socialismo ou do comunismo. Rosa Luxemburgo via no pensamento de Lenin uma influência blanquista, pois Lenin defendia a concentração do poder em uma elite intelectualizada. No entanto, a proposta blanquista de ditadura é um tanto diferente da ditadura do proletariado - segundo BOBBIO (2010) a ditadura blanquista seria uma combinação das características do governo ditatorial de Robespierre (poder centralizado) e do pensamento de Bakunin, “a estrutura vigente deve ser destruída pela intervenção de um pequeno grupo de revolucionários”, com o objetivo de alcançar “uma ditadura popular e não de classe” (BOBBIO, 2010, p. 111).

O bolchevismo é a linha política e organizativa proposta por Lenin ao Partido Operário Social-Democrático da Rússia (P.O.S.D.R.) no congresso de 1903. Neste congresso, após Lenin perder no congresso anterior para a proposta de Julius Martov (1873-1923) - que defendia uma participação acessível na organização do partido, enquanto Lenin defendia que o título de membro deveria ser concedido apenas às pessoas que eram participantes efetivas em alguma das organizações do partido - a proposta leninista era a maioria e se tornou vitoriosa.

“Foi nesta votação que surgiram os termos que, a partir daquele momento, deviam definir as duas correntes da social-democracia russa, *bolcheviques* e *mencheviques*, isto é, maioria e minoria.”(BOBBIO, 2010, p. 116)

Após a conquista do poder pelos bolcheviques em 1917, esta linha organizativa defendida por Lênin - de um partido homogêneo, centralizado e altamente disciplinado - se tornou uma característica específica do bolchevismo.

Para a historiografia oficial, o bolchevismo é “uma aplicação criativa do marxismo às condições específicas de um país atrasado”. Após a Revolução de 1905, surge uma nova organização, o *soviete*. O soviete retornou à discussão a concepção bolchevique sobre a organização do proletariado e sua suposta incapacidade autônoma. Esta nova força política provocou um realinhamento nas correntes bolcheviques e mencheviques, deixando a estrada aberta para uma unificação entre as duas forças. Com os desdobramentos do pós Primeira Guerra Mundial, a estratégia revolucionária bolchevique passou a excluir decididamente uma solução institucional e passou a priorizar a revolução proletária socialista, pavimentando o caminho para a Revolução Russa (BOBBIO, 2012, p. 118).

\*\*\*

Aqueles que viriam a ser chamados por Marx e Engels de socialistas utópicos (Fourier, Owen, Cabet e Saint Simon) floresceram entre a Revolução Francesa e 1848. Não seguem a ideia de transição violenta que Babeuf defendia, e sim uma transição pela força do exemplo que o sucesso das suas comunidades idealizadas teriam.

Charles Fourier (1772-1837) chamou suas comunidades de falanstérios, nela as pessoas trabalhariam juntas numa vida comunitária. As ocupações teriam revezamentos espontâneos, sem coerção superior. Uma ideia de tentar tornar o trabalho gratificante ao invés de construtivo.

Robert Owen (1771-1858) tinha uma proposta parecida com a de Fourier, porém, mais voltada para o trabalho agrícola e com a troca de excedentes. Owen tinha poder econômico suficiente para colocar em prática seu projeto - e em 1825, fez nos EUA uma colônia chamada “New Harmony”. Seus seguidores fizeram o mesmo em outros locais; porém, em pouco tempo os experimentos fracassaram (BOBBIO, 2010, p.207).

Etienne Cabet (1778-1856) diverge dos dois anteriores sobre o tamanho das comunidades. Enquanto Fourier e Owen imaginavam suas sociedades em pequenas comunidades, Cabet as projetava em escala nacional. Enquanto os outros dois ainda preservavam uma pequena propriedade pessoal, Cabet defendia a exclusão de qualquer forma de propriedade e de qualquer forma de diferenciação, até mesmo de vestimentas. Sua sociedade se chamaria “Icária” e nela não seriam permitidos partidos políticos. Assim como Owen e Fourier, Cabet acreditava que a melhor forma para realizar sua utopia seria “através da educação, da convicção e do exemplo” (2010, p. 208).

Já o pensamento de Saint-Simon recebeu vários adeptos e tinha como foco a organização industrial. Foi com a escola sansimonista que os principais incrementos inspirados pelas ideias deste pensador surgiram. Através das contribuições deles, as ideias socialistas e comunistas foram melhor situadas dentro do mundo industrial, e a expressão dos sansimonistas mais radicais, “a exploração do homem pelo homem” foi usada “*ipsis litteris* por Marx e Engels” (*Idem*).

O comunismo marxista também tem como fundamento a organização moderna industrial. Colocavam como primeira prioridade dos movimentos comunistas a questão da propriedade privada, “independente da forma, mais ou menos desenvolvida, que ela tenha assumido” (MARX, 2008, p. 65) e que

“Em suma, os comunistas apoiam em toda parte todo movimento revolucionário contra as condições sociais e políticas atuais” (MARX, *Manifesto do Partido Comunista*, 2008, p.65)

Marx e Engels acreditavam que a mudança revolucionária viria na hora certa, quando o próprio desenvolvimento do capitalismo burguês criasse as condições para a revolução do proletariado. As revoluções deveriam ser executadas pelo proletariado de cada nação, inclusive pela conquista da democracia.

“Se, em sua luta contra a burguesia, o proletariado necessariamente se constitui em classe, se por meio de uma revolução se converte em classe dominante e, como tal

suprime violentamente as velhas relações de produção, então, junto com elas, suprime os antagonismos de classes e as classes em geral e, com isso, abole sua própria dominação de classe”(MARX & ENGELS, *Manifesto do Partido Comunista*, p.46)

Sobre a maneira da tomada de poder por parte do proletariado, Marx e Engels afirmam que a sociedade burguesa já vive uma guerra civil, e que a eclosão desta causará a explosão revolucionária que colocaria o proletariado no poder. O primeiro passo para esta revolução seria

“a ascensão do proletariado à situação de classe dominante, ou seja, a conquista da democracia” (MARX & ENGELS, *Manifesto do Partido Comunista*, p.46)

Uma vez o proletariado no poder, ele derruba a burguesia e os antagonismos de classes. Este período intermediário até a supressão das classes e do Estado, para chegar na sociedade comunista marxista, é o momento da ditadura do proletariado, o momento que Marx chama de socialismo científico; em contraste com o socialismo de Owen, Fourier, Saint-Simon - que, para ele, seria um socialismo utópico. Para Marx, a diferença de um para o outro está no uso do conceito marxiano de *materialismo histórico dialético*; a história dos homens é a história da luta de classes e da disputa dos meios de produção, a tomada do poder pelo proletariado deve se dar no momento oportuno que só através do uso das ferramentas do materialismo histórico dialético pode ser capaz de ser distinguido. Na visão marxiana este momento é inevitável devido ao próprio modelo de produção do capitalismo burguês, que cria suas próprias contradições internas capazes de destruí-lo. Por isso, Marx era contrário também ao pensamento jacobinista-blanquista que defendia a tomada do poder pelo povo liderado por uma classe dirigente. Segundo Marx, a tomada do poder deveria esperar o momento oportuno de profunda contradição do capitalismo que só ocorreria no ápice do seu desenvolvimento, quando a burguesia não mais conseguisse ser alimentada pelo proletariado e se encontrasse num momento de ter que alimentá-lo; tentar acelerar este processo seria um tiro no pé pois, para Marx, o fracasso era certo, além de fazer a revolução perder força com a opinião pública (BOBBIO, 2010, p. 210).

A crítica de Karl Kautsky - um dos fundadores da social-democracia - feita aos bolcheviques, vem exatamente deste ponto da teoria de Marx. Kautsky acusa os bolcheviques de “forçarem o processo histórico, apressando arbitrariamente suas etapas e encaminhando o

processo revolucionário num país atrasado” (BOBBIO, 2010, p. 210). Para Kautsky, quanto mais um país fosse democrático e capitalista, mais ele estaria próximo do socialismo; para ele, o proletariado deveria conquistar o poder através da maioria parlamentar - neste caso, seu pensamento é mais próximo do de Marx nestas questões do que o pensamento de Lenin. Porém, Kautsky não reproduz totalmente o que diz Marx, e traz algumas inovações em seu pensamento, segundo BOBBIO:

“(…) enquanto Marx sempre achou necessária a superação da democracia representativa ou delegada, e a sua substituição por uma democracia direta, Kautsky acha (...) que a democracia representativa seja um instrumento fundamental a ser fortalecido, mas não substituídos por elementos de democracia direta ou participativa” (BOBBIO, 2010, p. 210)

O comunismo de Marx não propunha uma igualdade horizontal e rígida, como muitos acreditam. O comunismo de Marx propunha que cada um deveria “dar de acordo com suas capacidades e receber de acordo com suas necessidades” - ou seja, a proposta marxiana é mais a da equidade do que a da igualdade (BOBBIO, 2010, p. 210).

Para Bobbio o pensamento de Marx não condena eticamente e moralmente a burguesia - na verdade ele projeta que pelo modo que o sistema burguês se desenvolve, sua derrocada seria inevitável, da mesma maneira que foi a do feudalismo (BOBBIO, 2010, p.209).

Futuramente, novas correntes viriam do pensamento marxiano, surgindo o pensamento marxista; ou seja, os pensamentos inspirados no pensamento de Marx e das Internacionais Socialistas, que serão expostas mais adiante.

Voltando as ramificações mais moderadas, como a de Kautsky, elas acabaram tendo mais participação dentro dos sistemas democráticos mundo afora, devido à suas próprias características moderadas que proporcionam maior suscetibilidade destas correntes às regras da democracia burguesa. Dentre elas, além dos social-democratas, destacam-se os socialistas, os eurocomunistas e o Estado de Bem Estar Social. Todas compartilham da mesma característica de moderação quando o assunto é a tomada de poder; e seus ideais tendem à uma perspectiva de conquista por dentro do sistema democrático, atuando dentro do parlamento e jogando o jogo político para fazer passar suas propostas - sem almejar uma tomada de poder através da revolução. Em alguns sistemas políticos do mundo tais correntes ganharam relevância, em outros foram relegados ao papel de oposição na maior parte do tempo.

O estabelecimento e o desenvolvimento destas correntes moderadas se deram sobretudo com o enfraquecimento da URSS, do anticomunismo americano e do anticomunismo hitleriano. A perseguição contra os comunistas e contra os social-democratas diminuiu, permitindo, nos casos mais extremos, a legalização dos partidos comunistas dentro dos sistemas democráticos. Sobre o papel da URSS nesta permissão para o desenvolvimento das correntes mais moderadas, podemos ver em BOBBIO a seguinte passagem:

“Asperamente combatida por Lenin e pelos bolcheviques, como, também pelos partidos baseados no leninismo, a concepção do ‘renegado’ Kautsky conseguirá uma revanche histórica vários decênios mais tarde, quando alguns partidos comunistas da Europa Ocidental se afastarão do leninismo e da URSS e indicarão, no rigoroso respeito às liberdades civis e políticas, no livre confronto parlamentar e nas regras de uma sociedade pluralista, o quadro essencial e insubstituível interno de onde encaminhar e concluir um processo de transformação socialista e comunista da sociedade” (BOBBIO, 2012, p.210)

Como foi dito, isso aconteceu com a abertura política de muitos países, aceitando estes partidos que passaram por muitos anos na ilegalidade. E esta abertura só foi possível com o afrouxamento do anticomunismo sistêmico promovido pelos EUA como forma de combater a URSS. Com o recuo deste, os outros comunistas se tornaram menos ameaçadores e, logo, aceitos dentro dos sistemas democráticos.

A situação econômica também contribuiu para esta aceitação, pois após duas guerras mundiais em 30 anos, as grandes potências mundiais não tiveram saída a não ser prestar assistência à população através da máquina Estatal, aprovando programas como o *New Deal* (BOBBIO, 2010, p. 417), inspirados na economia de Keynes e nas críticas comunistas dos partidos marxistas.

O Reino Unido, por exemplo, através do relatório “Beveridge” de 1942, aprovou medidas assistenciais na saúde e educação para toda população, independente de renda e sem diferenciação. Isto é significativo para um país que séculos antes tinha aprovado a “lei dos pobres” que determinava o fim dos direitos políticos para aqueles que recebessem assistência do estado. Até a maior parte do século XIX, os direitos sociais eram colocados como opostos aos direitos políticos, fazendo as camadas mais pobres renunciarem sua cidadania para poder sobreviver (BOBBIO, 2010, p.416).

Para BOBBIO, Estado de Bem Estar Social é definido por Wilensky no livro *The Welfare State and equality* (1975) da seguinte forma: “Estado que garante ‘tipos mínimos de renda,

alimentação, saúde, habitação, educação, assegurados a todo o cidadão, não como caridade mas como direito político” (BOBBIO, 2010, p. 416). Sendo assim, o que difere o Estado do Bem Estar Social para o Estado assistencial, é que no Estado de Bem Estar Social as medidas de assistência são vistas como direitos dos cidadãos. Por outro lado, nos Estados mais impregnados da ética protestante, o auxílio é visto como um “desvio moral”(BOBBIO, 2010, p.416).

Outra vertente comunista inserida dentro do sistema democrático é o chamado “eurocomunismo”, termo cunhado pelo jornalista iugoslavo Frane Babieri (1923-1987) em 1975 para

“sintetizar alguns processos muito complexos que levaram a uma diferenciação de posições, tanto no que respeita à política internacional, como à estratégia interna, entre o partido comunista da União Soviética e alguns dos partidos comunistas da Europa ocidental”.(BOBBIO, 2010, p. 451)

A complexidade deste processo de separação não será aprofundado neste trabalho. Hoje o termo tem um uso “amplo e generalizado”, e trata dos partidos que, em menor ou maior intensidade, romperam com a tradição comunista da União Soviética em três frentes: conquista do poder, gestão do poder e natureza do partido comunista. O eurocomunismo, como mencionado anteriormente, abandona a via leninista de tomar o poder pela insurreição e, como fez Togliatti no Partido Comunista Italiano, prefere a “via parlamentar para o socialismo” - depois que as polêmicas do governo de Stalin ganhavam força, os italianos foram acompanhados pelo Partido Comunista Francês em 1956 e, posteriormente, pelo Partido Comunista Espanhol em 1972 (BOBBIO, 2010, p.451).

O sentido geográfico do termo não é rígido, pois há partidos comunistas fora da Europa que adotaram a mesma postura, como o japonês e o australiano, e partidos comunistas da Europa que não a adotaram, como o Partido Comunista Português (BOBBIO, 2010, p.451).

Em suma, o eurocomunismo é a integração dos partidos comunistas europeus dentro dos sistemas democráticos que aceitam o “pluralismo ideológico” (BOBBIO, 2010, p.35).

\*\*\*

O tema do internacionalismo foi outro conceito que permeou a história do comunismo, produzindo seus efeitos. A intenção internacionalista do comunismo está expressa na famosa última frase do *Manifesto do Partido Comunista*: “trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”. As tentativas de união internacional dos movimentos comunistas foram encabeçadas pela

Associação Internacional dos Trabalhadores, responsável pelos encontros conhecidos como Primeira Internacional (1864), Segunda Internacional(1889) e Terceira Internacional - ou Internacional Comunista (1919).

A Primeira Internacional tratou de ideais sobre temas que estavam em evidência naquela época, eram eles:

“solidariedade com as nações oprimidas em luta pela independência (nesta caso, a Polônia, sublevada em 1863) e necessidade de enfrentar, com uma ação coordenada, os reflexos da conjuntura internacional nos níveis de emprego e salário da classe operária”(BOBBIO, 2010, p.644)

Com o passar dos anos entre 1864 e 1889 e seus desencadeamentos, os valores estipulados na Primeira Internacional estavam sub judice; os comunistas interpretaram que antes de pensar na esfera internacional, era necessário criar fortes movimentos comunistas que fossem protagonistas dentro das nações; para depois, aí sim, passar a atuar na esfera internacional.

A Segunda Internacional surge incorporando estas reflexões levantadas pela experiência anterior. A intenção passa a ser priorizar a autonomia dos movimentos nacionais - sendo assim, a Segunda Internacional não decretou estatutos ou direções centrais e assim tomou a forma de uma espécie de federação de grupos autônomos, ao contrário da Internacional anterior que buscava o formato de um partido internacional. Foi somente anos mais tarde que a Segunda Internacional instalou uma secretaria na Bélgica, em Bruxelas, com o nome de *Bureau Socialiste International* (BOBBIO, 2010, p.645).

A ameaça da primeira guerra mundial abala as estruturas da Segunda Internacional, pois devido aos problemas que haviam tido até então para implementar uma sólida política externa da classe operária, se encontravam sem estruturas para suportar os impulsos nacionalistas que foram preponderantes na “deflagração da Primeira Guerra Mundial” e

“havia contrastes de caráter diverso entre os Estados que continuavam a complicar o incerto juízo dos socialistas” (BOBBIO, 2010, p. 645)

A solução para os entraves da época não foi encontrada, o que levou à queda da Segunda Internacional quando a Primeira Guerra Mundial explodiu - os partidos socialistas tiveram que esquecer suas pautas e se juntar as elites “em nome da união sagrada da nação para a defesa da pátria e da paz civil” (BOBBIO, 2010).

O internacionalismo continuou vivo mesmo assim; apesar da guerra, alguns grupos menores seguiram denunciando o caráter colonialista daquele embate bélico. Dentre estes grupos

menores, estavam os bolcheviques russos - afirmavam que a paz imediata não seria suficiente, pois o poder de vida ou morte dos povos estava ligado às forças capitalistas. Este posicionamento dos bolcheviques, nos remete aos conceitos de necropoder de Achille Mbembe e biopoder de Michel Foucault; conceitos estes que são muito bem articulados por Berenice Bento, relacionando os dois no conceito de *necrobiopoder*.<sup>7</sup>

A partir deste posicionamento dos bolcheviques, os mesmos defendem a necessidade de uma nova internacional que fosse “capaz de encabeçar o processo revolucionário que a guerra fará detonar em escala mundial”. Com o sucesso da Revolução de Outubro em 1917, a necessidade de uma nova internacional aumenta; pois, na primeira visão dos revolucionários, era necessário expandir a revolução pelas potências europeias para que o próprio governo revolucionário da Rússia pudesse se manter. Sendo assim, a Terceira Internacional têm início em 1919 com protagonismo do leninismo<sup>8</sup>, e passa a ter como prioridade política a articulação da revolução fora da Rússia; porém, já em 1921, esta postura é abandonada - os resultados não foram obtidos, e a Internacional Comunista passa a ter como prioridade “a defesa e o fortalecimento do primeiro Estado proletário” (BOBBIO, 2010, pg. 646).

Após a morte de Lenin em 1924, Stalin chega ao poder e, em conjunto com Nicolai Bukharin (que seria executado anos depois pelo próprio regime stalinista), elabora a teoria da “construção do socialismo num só país”. Esta teoria

“exprime a confiança da vitoriosa revolução russa em si mesma, deixando de a tornar dependente da ajuda externa, e, por outro, atribui ao movimento revolucionário dos outros países um papel mais correspondente à sua força efetiva, num momento em que a conquista do poder parece relegada a um futuro longínquo e indeterminado: deixa entender aos partidos comunistas que, embora não consigam fazer ruir a velha ordem social em pouco tempo, não faltarão contudo à sua missão histórica e se continuarem a apresentar-se como um baluarte contra os desígnios imperialistas da restauração do capitalismo na Rússia e a agir como sentinelas da primeira experiência da construção do socialismo.”(BOBBIO, 2010, p. 646)

O debate do internacionalismo é um dos fatores que divide o pensamento de Trotsky com o de Stalin; foi também o principal motivo para ruptura das relações entre os dois. Lenin inicialmente estava com Trotsky no que concerne à necessidade de expandir a revolução

---

<sup>7</sup> “NECROBIOPODER: a lei do ventre livre (1871) e a constituição do Estado-nação brasileiro”. Palestra ministrada pela Prof. Dra. Berenice Bento no evento de extensão da UENP “Observatório de Bioética e Justiça”

<sup>8</sup> O leninismo foi, sobretudo, a adequação do marxismo para o contexto de um país atrasado economicamente (BOBBIO, 2010, p. 679)

mundo afora; porém, como vimos, Lenin mudou de postura em 1921, alinhando-se ao pensamento stalinista de que a revolução em um só país era o suficiente.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o internacionalismo ganha força outra vez devido aos trotskistas<sup>9</sup>. A Quarta Internacional já existia desde 1938, fundada pelos trotskistas, com a justificativa de que a Terceira Internacional estava impregnada da burocracia stalinista; mas não têm grande impacto no cenário político, resultado que se repetiria posteriormente com as outras tentativas do internacionalismo de esquerda - este insucesso se deu sobretudo pela rixa entre a URSS e a China comunista. Tratarei desta a seguir:

O maoísmo, embora este termo nunca tenha sido realmente utilizado pelos chineses, é um conceito utilizado mais no sentido de diferenciar o comunismo chinês do comunismo ocidental e do comunismo do partido soviético. Mao Tse-Tung, ao contrário de Lênin, depositava suas esperanças revolucionárias mais nos camponeses do que nos operários (BOBBIO, 2010, p. 734), embora não descarte começar no sentido inverso caso os camponeses não estejam em sintonia com a revolução (MORAES, 1989, p. 154). Uma das suas características principais era a ideia de que a pura importação do comunismo russo para a China não seria suficiente, era necessário que a teoria comunista tivesse algumas adaptações para o contexto chinês, era uma luta pela “autonomia dos comunistas chineses”. Os comunistas chineses não viam outra saída para a China que não fosse a tomada de poder de forma violenta; os camponeses se encontravam em coerção pela milícia dos proprietários de terra e, para fazer frente a estas milícias, o partido comunista chinês e o seu exército vermelho passaram a adotar a tática de guerrilha nas aldeias; tendo como protagonista o papel dos camponeses, em contraste com o leninismo que preferia os operários (no Brasil, segundo MORAES, 1989, p. 155, a tática de guerrilha rural foi defendida como melhor estratégia pela maioria dos envolvidos na luta armada contra a ditadura militar; porém, apenas a Guerrilha do Araguaia realmente praticou esta estratégia, os outros grupos acabaram se concentrando nas cidades).

Com o tempo, diversas aldeias do norte da China estavam sob controle do exército vermelho. Nestas aldeias o maoísmo exercia o seu componente educativo com a “formulação

---

<sup>9</sup> O trotskismo nunca foi uma doutrina ou movimento organizado, o próprio Trotski recusou este termo que era mais usado pelos detratores e perseguidores de Trotsky. Mas o termo como pensamento de Trotsky se refere à quatro temas principais: a lei do desenvolvimento combinado e desigual, a crítica da degeneração do Estado Soviético, a descrição da sociedade socialista e o internacionalismo (Teoria da Revolução Permanente) (BOBBIO, 2010, p. 1261)

de uma ideologia complexa e rica”, de ideais democráticos e de junção com a diretoria do partido comunista através do culto à personalidade de Mao. Esta revolução cultural, mesmo com algumas limitações que se apresentaram ao decorrer dos anos, foi o que deu mais notoriedade ao maoísmo, até mesmo como forma de desenvolvimento do marxismo. (BOBBIO, 2010, p. 737)

Mao define assim a particularidade da realidade chinesa:

“A particularidade da China é não ser um estado democrático independente, mas um país semi-colonial semi-feudal onde o regime não é o da democracia, mas o da opressão feudal, um país que, em suas relações exteriores, não goza de independência nacional, mas sofre o jugo do imperialismo... Aqui, a tarefa essencial do Partido Comunista não é passar por uma longa luta legal para chegar à insurreição e à guerra, nem ocupar primeiro as cidades e depois o campo, mas proceder em sentido oposto” (Tse-tung, 1964, p. 309-310, citado por MORAES, 1989, p. 154)

### **1.2.3 Comunismo e anticomunismo na América Latina e na política externa americana**

As origens da perseguição ao comunismo e também do uso pejorativo do conceito, ou seja, quando o conceito é usado de forma retórica como algo intrinsecamente ruim, elas são tão antigas quanto a origem da ideologia nomeada como “comunista” (BOBBIO, 2010, p. 34). No Brasil, por exemplo, na segunda metade do século XIX o termo já era usado de forma retórica nos debates legislativos sobre o projeto da Lei do Ventre Livre, também chamada de Lei Rio Branco; os parlamentares contrários ao projeto afirmavam que aquele era um projeto de inspiração *comunista* (COSTA, 1994, p. 46). Os termos foram usados em conjunto novamente nos primeiros cinquenta anos após a proclamação da república no Brasil, os políticos reacionários afirmavam que os seus contemporâneos *comunistas* eram os abolicionistas daqueles tempos (COSTA, 1994, p. 93).

A partir da segunda metade do século XX, enquanto o comunismo se desenvolvia na Europa e no resto do mundo, o anticomunismo na América Latina se preocupava em evitar que o episódio de Cuba se repetisse. A política externa americana - e a de países colonialistas - fizeram surgir no debate acadêmico o conceito de “inconclusão da independência” devido ao volume e constância das ingerências destes países nas nações latinas. Mesmo quando estas se viram independentes, elas sofreram interferências externas das mais variadas formas e,

sobretudo, experienciaram ditaduras militares alinhadas aos interesses norte-americanos. Um exemplo enfático é o que ocorreu com Cuba após a Guerra de 1895. Para vencer a metrópole Espanha e se tornar independente do colonialismo, Cuba contou com o apoio dos EUA que, em contrapartida, inseriram na nova constituição cubana a chamada Emenda *Platt*; esta emenda autorizava os EUA a interferir militarmente em Cuba quando julgassem conveniente para seus interesses.

Um pouco antes da Emenda Platt, ocorreu a primeira Interferência americana. Ela aconteceu em 1891 com a intenção de criar uma área de livre comércio das Américas, o “pan-americanismo”. A iniciativa não deslanchou; porém, voltou cem anos depois com o nome de ALCA/NAFTA. Este acordo era baseado na imposição do neoliberalismo por organizações internacionais como a própria ALCA e o FMI. Dessa forma, os projetos capitalistas seriam colocados à frente dos projetos de bem estar social.

Já em abril de 1959, o anticomunismo era tamanho que, na Assembleia da ONU, Fidel Castro, para acalmar os ânimos internacionais, se coloca como um reofomardor-nacionalista e não-comunista. No entanto, a primeira reforma do governo revolucionário foi a reforma agrária; e a ala mais conservadora dos revolucionários não se agradou com a reforma e passou a chamar Fidel de comunista. Em busca do respeito americano pela soberania cubana e de amenizar os danos causados pelos embargos econômicos do seu vizinho anglo-saxão, Fidel Castro procura o apoio da URSS; e a partir daí começa a se alinhar mais ao comunismo - mas só foi em dezembro de 1961 que Fidel formalizou sua adesão ao bloco soviético. Isto se deu após o episódio da *Playa Girón* - um conhecido fracasso militar americano sob comando de John F. Kennedy e que se tornou uma das maiores vergonhas militares americanas. Deste episódio veio a crise dos mísseis, resolvida de forma diplomática depois de 13 dias de alta tensão mundial: os EUA retiram seus mísseis da Turquia e a URSS pediu que os EUA deixassem Cuba em paz, pelo menos de certa forma.

Em 1989, após a queda do muro de Berlim, a política externa americana organizou um encontro que ficou popularmente conhecido como Consenso de Washington. O “consenso” consistia na implementação de políticas neoliberais nos países da América Latina, visando assegurar o pagamento da dívida externa através da redução do mercado interno e de políticas recessivas, principalmente na saúde e na educação públicas. Dois dos produtos desta reunião foram a eleição de líderes neoliberais na maioria dos países da América Latina e a

implementação do ALCA/NAFTA. Este programa econômico foi posto em prática no México no ano de 1994 e as consequências deste acordo produziram grande resposta popular, como a insurgência do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que estava há 20 anos na mata fazendo trabalho de base e avaliando o momento correto para insurgir. Consequentemente, o EZLN tomou pelo menos seis cidades e um quartel general, iniciando uma guerra civil no México. Assim como muitos outros movimentos revolucionários da América Latina no século XX, o EZLN teve mais influência do pensamento anarquista e autonomista de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) do que do comunismo marxista, duas correntes que divergem profundamente no quesito de organização vertical ou horizontal das tomadas de decisões.<sup>10</sup>

\*\*\*

O anticomunismo muitas vezes está presente nas políticas externas americanas que produzem ingerências ao redor do mundo, como foi o caso do Consenso de Washington. Por exemplo, em SPIVAK (2014, pg. 97) temos a seguinte passagem de DAVIS (in *The Political Economy of Late-Imperial America*, pg. 9) que relaciona o anticomunismo e a expansão imperialista americana (grifos meus):

“Esta centralização quase absoluta do poder militar estratégico pelos Estados Unidos foi o que permitiu uma subordinação iluminada flexível para seus principais sátrapas. Em especial, demonstrou ser altamente acomodável às pretensões imperialistas residuais dos franceses e dos britânicos (...) com cada um deles **mantendo uma mobilização ideológica marcante contra o comunismo o tempo todo**” (SPIVAK, 2014, pg. 97 - grifos nossos)

Uma das críticas mais conhecidas à política externa americana vêm de um cidadão americano: Noam Chomsky. Chomsky afirma que a política dos EUA do século XX até hoje em dia, em conjunto com a política do Reino Unido - que para Chomsky seriam os sócios prioritários dos americanos - foram voltadas para a “tarefa de manter um império global”.

“Na perspectiva de Chomsky, as guerras vivenciadas no século XX, incluindo a Guerra Fria, representam ‘uma luta entre os grandes competidores imperialistas por uma fatia dos rendimentos da produção mundial, dessa forma, pelo controle sobre o maior número de trabalhadores’ (BARSKY, 2004, p. 57, citado por LIMA JR, 2008, p.124)

Nas inúmeras participações midiáticas que Chomsky fez, muitas vezes ele demonstra acreditar que existe uma organização empresarial no mundo todo que conspira pela

---

<sup>10</sup> Informações sobre a América Latina foram retiradas das aulas do curso Processos de Desenvolvimento das Américas, ministrado pelo Prof. Dr. Pedro Henrique Cicero na UnB

“manutenção do *status quo* internacional”. Este argumento é baseado em estudos que existem desde 1941, neles a conclusão era de que o objetivo principal a longo prazo dos EUA no pós-guerra seria o de se transformar numa potência soberana, mesmo que fosse necessário constringer a soberania dos Estados que se tornassem concorrentes ou obstáculos neste objetivo de supremacia econômica e militar (LIMA JR., 2008, p. 125).

Para Chomsky, os EUA seriam um estado totalitário pois usam da propaganda para controlar o que as pessoas pensam (LIMA JR., 2008, p. 126); deste mecanismo o anticomunismo provavelmente é uma das ferramentas. Neste quesito, a mídia cumpre o papel principal para controlar o que as pessoas pensam e impedir que recebam certo tipo de informação - talvez seja possível interpretá-la na teoria ator-rede como um veículo da rede que liga um ator ao outro. Num debate entre Chomsky e Foucault para um canal de televisão holandês em 1971, Chomsky observa que na mídia americana não era possível encontrar um único jornalista socialista e completa que “*in the capitalist society the mass media are capitalist institutions*”, ou seja, na sociedade capitalista a mídia de massa é uma instituição capitalista, em tradução livre. Sendo assim, na visão de Chomsky, a “grande mídia é aliada dos grandes Estados na ocultação de fatos de interesse de suas sociedades” (LIMA JR., 2008, p. 127). No Brasil, não é difícil observar a mesma coisa.

Sobre os objetos que a mídia encobre em benefício destes interesses, um deles é principalmente o que Chomsky chama de terrorismo de Estado - praticado pelas nações intervencionistas e também pelos organismos internacionais. Sobre este pensamento de Chomsky, Jayme B. Lima Jr. afirma:

“Na perspectiva chomskyana, são as grandes potências ocidentais, mais do que tudo através da Otan, que praticam crimes internacionais (genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra) nos dias atuais, sob o manto de construção da democracia e de respeito aos direitos humanos - o que constitui, obviamente, uma inversão na perspectiva tradicionalmente aceita. A estas ações Chomsky contrapõe inúmeros exemplos em que as potências ocidentais toleram ou mesmo estimulam - na medida em que emprestam apoio político, militar e financeiro - as *atrocidades cometidas pelos amigos*, aqueles que, no exercício dos poderes locais dão sustentação à política internacional que lhes interessa.”(LIMA JR., 2008, p.131)

Enquanto a retórica americana dizia que suas intervenções militares - ou os governos intervencionistas promovidos por eles - eram para solucionar crises humanitárias, defender a população de abusos do governo anterior e etc; Chomsky aponta que, na verdade, o que

acontecera era o descompromisso com os supostos valores, além do descarte das populações logo após a conclusão dos interesses americanos (LIMA JR, 2018, p. 142). A administração de Bill Clinton, por exemplo, escolhe aumentar as atrocidades em países como Turquia, Timor Leste e, sobretudo, na Colômbia - porque o aumento da perseguição e da tortura de lideranças comunitárias cresciam em sintonia com a volume da ajuda externa dos Estados Unidos

“Bem, como é que se melhoram as condições de investimentos num país do Terceiro Mundo? Uma das melhores maneiras é assassinar os organizadores sindicais e os líderes camponeses, torturar padres, massacrar lavradores, solapar os programas sociais, e assim por diante. Isso realmente faz as condições de investimento melhorarem. E gera uma segunda correlação, do tipo da que foi descoberta por Lars Schoultz, a saber, a correlação entre a ajuda externa norte-americana e as violações dos direitos humanos.” (CHOMSKY, 2005, p. 60)

A Colômbia foi o detentor do pior histórico de violação dos direitos humanos no final do século XX e, ao mesmo tempo, era o Estado que mais recebia treinamento e investimento militar dos “EUA para ‘eliminar’ seus inimigos (deles e dos próprios EUA)” (LIMA JR., 2008, p. 139).

Estas intervenções americanas estavam muitas vezes ligadas ao combate às células comunistas destes países. Por exemplo, um documento da embaixada dos EUA na Colômbia que relata sobre militares colombianos que fizeram atentados em nome da AAA, *American Anti-communist Alliance*, na Colômbia, diz o seguinte (tradução nossa):

“Um desenvolvimento preocupante de data recente é o delineamento de um plano do BINCI (*ramificação do exercito colombiano*) - aprovado no final de novembro de 1978 pelo general Jorege Robledo Pulido, comandante do exército - para criar a impressão de que a aliança anticomunista americana (AAA) se estabeleceu na Colômbia e está se preparando para tomar medidas violentas contra os comunistas colombianos. No entanto, as atividades até agora realizadas na prossecução deste plano, por ex. o bombardeio da sede do partido comunista colombiano em 12 de dezembro, sem vítimas, pode ser mais apropriadamente caracterizado como truques sujos do que como violações dos direitos humanos.(Documento da Embaixada Americana na Colômbia, número 1979BOGOTA01410<sup>11</sup> - grifos nossos)

Neste documento podemos observar dois traços da política externa americana: a prática anticomunista na América Latina e o que Chomsky afirmava acima: o encobrimento das

---

<sup>11</sup> In [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alianza\\_Americana\\_Anticomunista#/media/Ficheiro:AAA\\_Foundation.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alianza_Americana_Anticomunista#/media/Ficheiro:AAA_Foundation.jpg)

ações dos aliados americanos ao recomendar que o bombardeio da sede de um partido comunista seja tratado como um “truque sujo” (*dirty trick*) ao invés de uma violação dos direitos humanos.

A intervenção americana na América Latina na segunda metade do século XX ganhou coordenação entre os países latinos sob ditadura militar com a chamada Operação Condor. Se tratava de uma cooperação entre os Estados para combater os movimentos subversivos e a suposta influência soviética por aqui<sup>12</sup>.

No Brasil o anticomunismo esteve presente nas duas vezes em que a democracia brasileira colapsou - em 1937, em 1964 e, podemos acrescentar, 2016. O anticomunismo brasileiro também teve o seu lado de esquerda - ele foi incorporado pelos socialistas democráticos no período de 1930 à 1964, quando estes performaram timidamente uma esquerda anticomunista (SÁ MOTTA, 2001, p. 16, citado por OLIVEIRA, 2004, p.185).

Em 1964, o colapso da democracia ocorreu no governo do comunista João Goulart, que provocava arrepios nos anticomunistas brasileiros e norte-americanos devido à proximidade temporal com a Revolução Cubana. René A. Dreifuss (1981, p.162-172), citado por OLIVEIRA (2004), afirmava que neste período a elite burguesa brasileira, formado por empresários de capital multinacional, além de oficiais militares, conspiraram ativamente contra o governo eleito através de duas instituições: Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES). O IPES, ou IPÊS - como os adeptos preferiam - produziu documentários anticomunistas como o “*O Brasil Precisa de Você*” que eram exibidos muitas vezes gratuitamente e em praça pública, sobretudo no interior do país (OLIVEIRA, 2004, p. 185). Nesta obra o instituto se apresentava como defensor da democracia brasileira que, segundo eles, estava em perigo. Com uma trilha sonora de filme de terror, a peça inicia mostrando imagens fortes em *slide show* dos regimes fascistas e nazistas, apresentando-os como responsáveis pela miséria e por atrocidades nunca antes vistas. Posteriormente, começam a tratar do comunismo russo, chinês e cubano. Colocam os fascistas e nazistas como os extremos da direita, e os comunistas como o extremo da esquerda. Ao dar destaque ao regime cubano, a imagem de uma força é projetada por alguns segundos após o narrador citar o nome de Fidel Castro e ficar em silêncio por um

---

<sup>12</sup> “Operação Condor e a ditadura no Brasil: análise de documentos desclassificados”

<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/2-uncategorised/417-operacao-condor-e-a-ditadura-no-brasil-analise-de-documentos-desclassificados>

tempo, antes de dizer que a revolução em Cuba só foi possível devido a omissão dos democratas... O filme, então, passa a exibir as pautas políticas do IPÊS e as imagens se alternam para fábricas e usinas. Defendem a necessidade de reformas imediatas e que “um novo conceito de democracia” precisava ser divulgado Brasil afora para estudantes, trabalhadores e pessoas do campo. Criticam os políticos atuais como inoperantes e maus administradores e exibem imagens de crianças desnutridas e pessoas em situação de miséria. Finalizam com a pergunta: “aonde nos levará a omissão das chamadas elites? O tempo é pouco, o Brasil não pode esperar mais”.

A propaganda e a produção iconográfica anticomunista consistem em importante ferramentas deste movimento reacionário - como podemos ver na obra *Em guarda contra o perigo vermelho* de Sá Motta, que se assemelha com a fala de Chomsky citada anteriormente:

“A ocorrência de manipulações foi um elemento constante na história do anticomunismo brasileiro. O terror anticomunista foi artificialmente insuflado, visando a obtenção de ganhos políticos, eleitorais e até pecuniários. Porém, isto não altera o fato de que muitos grupos e indivíduos anticomunistas agiam movidos por convicções ideológicas e não de forma oportunista” (SÁ MOTTA, 2002, p. 280).

Ainda sobre os filmes anticomunistas brasileiros e a produção do imaginário do outro ameaçador, Lilian M. Grisolio diz

“Os filmes anticomunistas exibidos no Brasil contribuíram sobremaneira para a divulgação desse ideário. Evidentemente que não de forma isolada, e sim, em sincronia com outras esferas que produziam com a mesma lógica. Estas produções definiam e reforçaram uma dada visão sobre “o outro”, representando-o como perverso e perigoso, e por isso mesmo passível de ser combatido.” (GRISOLIO, 2015, p. 2)

A produção iconográfica anticomunista não se limitava aos filmes; a mídia também era um importante produtor de conteúdo. Acompanhavam o ritmo da política externa da guerra fria, usavam expressões pejorativas como “tumor vermelho”, “infiltração”; e outras maneiras de produzir uma visão negativa do comunismo, como as reportagens da revista *O Cruzeiro* entre 1945 e 1950, intituladas como “*Vi a Rússia de perto, Joseph Stalin é assim, O Comunismo sem máscara*”, “*A Guerra Fria ataca os nervos, O Papa Pio XII ordena a guerra contra o comunismo, Vargas pretende reviver o Comunismo*” - além disso, o anticomunista americano Drew Pearson, conhecido por ser um “exímio propagador da paranóia anticomunista”, tinha suas colunas publicadas nesta revista (GRISOLIO, 2015, p. 9).

Segundo Sá Motta (2002, p. XXV citado por OLIVEIRA, 2004, p. 186), existem três matrizes ideológicas que alimentaram o anticomunismo no Brasil: o catolicismo tradicional-conservador, o nacionalismo e o liberalismo. A vertente anticomunista da igreja católica deu ao discurso do anticomunismo uma aura de concorrência maniqueísta contra o comunismo, em que a religião se situava num polo e o comunismo em outro. O discurso, basicamente, era o de Deus contra o Satanás (OLIVEIRA, 2004, p. 186).

O anticomunismo nacionalista brasileiro se baseava no receio do internacionalismo comunista, na defesa da ordem nacional contra “as forças centrífugas da desordem” e na crença de que o comunismo se tratava de uma tentativa de interferência externa da URSS (SÁ MOTTA, 2002, p. 29-30, citado por OLIVEIRA, 2004, p. 186).

Por fim, o liberalismo anticomunista brasileiro se pautava contra as mesmas razões de hoje em dia: o autoritarismo político comunista e o direito à propriedade. (SÁ MOTTA, 2002, p. 38, citado por OLIVEIRA, 2004, p. 186).

O anticomunismo nas forças armadas brasileiras esteve em conexão com os interesses norte americanos - sobre isso, há esta passagem da obra *História Militar do Brasil* de Nelson Werneck Sodré, citada por MARIGHELLA (1979, p. 79):

"O grande esforço do imperialismo, sem dúvida alguma, vem sendo desenvolvido nesse sentido: o de transformar as Forças Armadas nacionais em tropa de ocupação a seu serviço. Para isso, em todos os momentos, nos repetidos encontros de chefes militares em cursos especiais que oferecem, em viagens de estudo que proporcionam e, principalmente, valendo-se das missões militares, manipulam o anticomunismo. Acabar com o comunismo, e pela violência armada, constituiria, para todas as Forças Armadas do mundo "ocidental e cristão", a missão fundamental, conjugando-as como únicas, obedientes ao mesmo comando, despojadas de características nacionais, desinteressadas dos problemas específicos de cada um dos países a que devem servir. Essa continuada e minuciosa operação de lavagem cerebral, que não pode atingir individualmente e de perto cada indivíduo das Forças Armadas, têm atingido, realmente, e com êxito, determinados grupos delas, grupos especializados e por isso mesmo atingíveis: os do comando, os do Estado Maior, os de alguns serviços especiais. O que vem acontecendo, assim, entre nós, é a tentativa, rigorosamente planejada e executada, de ganhar o aparelho de comando das Forças Armadas porque, ganho este, como tais instituições operam por gravidade, isto é, de cima para baixo, por força da hierarquia e da disciplina, o resto vem como consequência. É preciso confessar que, realmente, o imperialismo vem conseguindo alguns êxitos espetaculares nesse sentido". (SODRÉ, 1965 p.406, citado por MARIGHELLA, 1979, p. 79)

Sobre as intenções imperialistas, em LIMA JR (2008,p. 124), WALLERSTEIN (2007 p.17, p.29), GRISÓLIO (2015, p. 2) e SAID (1990, pg. 13) é perceptível a retórica utilizada pelas

potências hegemônicas para criar pretextos de invasões e ingerências em países e territórios da América Latina, Oriente Médio, Ásia e África; todos aqueles que constituem o “outro” para o universalismo europeu. Wallerstein afirma que o argumento mais comum para justificar o colonialismo imperialista, por exemplo, é a disseminação da civilização e do progresso econômico, sendo que o comunismo e os comunistas são costumeiramente tratados como obstáculos para este desenvolvimento (2007, p.29).

Com WALLERSTEIN (2007, p. 16) observa-se que todo esse processo de justificação da ingerência - um processo antigo que já produzia seus efeitos nas primeiras fases do colonialismo e que ganhou preponderância após a vitória de Sepúlveda no embate de discursos com Bartolomeu de Las Casas<sup>13</sup> (2007, p. 31-40) - passou por uma reformulação do conceito de soberania na década de 60;

“Em meados dos anos 60, sob inspiração dos Estados Unidos, os governos militares no Brasil (general Humberto Castelo Branco) e Argentina (general Juan Carlos Onganía) passaram a defender a reformulação do conceito de soberania, que não mais deveria basear-se nos limites e fronteiras geográficas dos Estados e sim no caráter político e ideológico dos regimes, de modo que os Estados americanos pudessem intervir, coletivamente, em qualquer outro, quando algum governo aceito como democrático estivesse ameaçado por movimentos supostamente comunista ou de natureza semelhante” (WALLERSTEIN, 2007, p. 16)

No século XX, além deste aprimoramento subjetivo do discurso produtor da aparência de legitimidade e justificativa para o domínio de outros povos e populações, outro mecanismo foi desenvolvido para servir à estes interesses: órgãos internacionais como OEA receberam o incremento das *standby force* (WALLERSTEIN, 2007), forças de guarda em tradução livre; ou seja, agrupamentos militares compostos por forças dos países integrantes que ficavam à postos “para intervir em defesa das fronteiras ideológicas, onde quer que uma ameaça de subversão se manifestasse” (WALLERSTEIN, 2007), e muitas das vezes esta ameaça de subversão se chamava “comunismo”.

Estes discursos que ora justificavam invasões em nome da civilização, ora em nome da democracia e dos direitos humanos, foram reproduzidos maciçamente pela mídia ocidental (CHOMSKY, 2005, p. 128 e LIMA JR. 2008, p. 127) e consumidos pela opinião pública com

---

<sup>13</sup> Sepúlveda e Las Casas eram padres e divergiam na questão do domínio espanhol nas colônias. Sepúlveda defendia a imposição do catolicismo e dos valores europeus pelos meios que fossem, enquanto Las Casas criticava as violências praticadas e a imposição do catolicismo e dos valores europeus, recusava os castigos físicos aos índios e o rótulo de que eles eram hereges. (WALLERSTEIN, 2007, p. 37)

a mesma intensidade. O uso de valores morais na retórica deu às invasões a aura da luta do bem contra o mal:

“Para muitos, o mundo hoje é uma luta entre as forças do bem e do mal. E todos nós desejamos estar do lado do bem. Apesar de eventualmente debatermos a sabedoria de certas políticas para combater o mal, tendemos a não ter dúvidas de que é preciso combatê-lo e, com frequência, não temos nenhuma dúvida quanto a quem e o que o encarnam” (WALLERSTEIN, 2007, pg.25)

Dessa forma, as incursões militares das grandes potências tornam-se defesa dos interesses universais da humanidade, dos valores universais que todos concordam e compartilham; o que Wallerstein chama de *Universalismo Europeu* (2007, p. 60). Esta ideia sendo reproduzida pela grande mídia ganhou força e se instalou no imaginário popular de muitos países, dentre eles, o Brasil. Naturalmente, a propaganda anti-comunista americana teve no Brasil a ditadura militar como aliada e, portanto, era reproduzida e praticada em larga escala por aqui. Consequentemente, o anticomunismo americano teve terra fértil para se proliferar de forma capilar. A resposta do entrevistado nº5 para a pergunta nº5 pode ser uma manifestação do sucesso destes projetos, ele afirma que “hoje está muito claro isso, quem é do bem (...), quem é do mal” (*ver anexo*).

### **1.3 - Sobre o “ressurgimento” do anticomunismo no século XXI**

Do “ressurgimento” da retórica do anticomunismo nos contexto político brasileiro atual, é possível levantar algumas reflexões através da Introdução do livro *A Constituição da Sociedade* de Anthony Giddens (2003), o artigo de Maria S. Baltazar sobre a teoria da estruturação (2016) e, novamente, do livro *A construção social da realidade* de Peter Berger e Thommas Luckman. Destas fontes, uma pequena elaboração sociológica para explicar este ressurgimento pode ser observada - tratarei dela a seguir..

Giddens afirma que a teoria da estruturação tem como núcleo conceitual o teorema da dualidade da estrutura e as ideias de sistema e estrutura (BALTAZAR, 2016, p. 85). O teorema da dualidade é a proposta de Giddens para dois dilemas das Ciências Sociais: subjetivo  $\times$  objetivo e sociedade  $\times$  indivíduo. A inovação feita por este autor é a ruptura com a noção de que estes conceitos bipolares não se relacionam; para Giddens, a sociedade se confirma e se mantém através das ações dos indivíduos, ou seja, as instituições e entidades

macrossociológicas se reproduzem e se fundamentam na “*atividade social cotidiana*”, esta atividade se repete gerando o conceito giddeniano de “*rotinização*” que gera por sua vez, o “*caráter recursivo da vida social*”, que nada mais é do que a “*recriação constante das propriedades estruturadas*”.(GIDDENS, 2003, p. XXV)

Sendo assim, aquilo que é estrutural toma forma na ação e na interação, tornando a realidade da estrutura perceptível empiricamente através das interações e ações sociais. Segundo Giddens, as estruturas “capacitam e constroem” os indivíduos e demais atores e as ações destes atores e suas competências têm limites e muitas vezes estas competências são as consequências não intencionais da ação e também do inconsciente (BALTAZAR, 2016, p. 86).

Com a teoria da estruturação, Giddens vê a vida social representada por uma série de episódios: usa os conceitos de *tempo mundial* para se referir à o que está disponível como recurso social em cada momento histórico e o de *cenário* para se referir ao local. Estes dois conceitos funcionam juntos como a incorporação da “entidade do espaço-tempo” dentro da teoria da estruturação. (BALTAZAR, 2016, p. 85)

Com as noções do teorema da dualidade, das ideias de *tempo mundial*, de *cenário*, de *rotinização* e de *atividade social cotidiana* talvez seja possível esboçar uma pequena explicação sociológica para a perpetuação de retóricas do poder com o passar dos anos e sua capacidade de ressurgir das sombras quando um grupo do poder, ou concorrente à ele, julga que sua utilização é interessante. Sendo assim, a retórica do anticomunismo pode estar dentro das engrenagens estruturais da sociedade capitalista e talvez tenha tido o seu maior desenvolvimento de capacidade de articulação com os adventos tecnológicos que surgiram no século XX, em conjunto com o contexto de polarização política mundial entre duas propostas de sociedade concorrentes: o comunismo e o capitalismo.

Mesmo com o surgimento de novas ideias e com a impressão geral de que velhos dilemas já estavam resolvidos (além da neofobia ao comunismo, a segunda década do século XXI também fez renascer o antiquíssimo debate sobre o formato da Terra), vemos as mesmas discussões retornarem e tomarem o espaço do debate público; o muro de Berlim já caiu, a URSS também, Che Guevara foi morto, Cuba e China se flexibilizaram e poucos diriam que uma significativa porcentagem da população mundial - ou, para se ater ao objeto de estudo,

do Distrito Federal - iria ter o comunismo e os comunistas como grande inimigo a ser vencido.

Se olharmos para os resultados dos históricos das eleições nacionais ou distritais, veremos que este receio não deve se originar de algum avanço revolucionário dos partidos e políticos comunistas na participação da política nacional ou na política latino americana, pois segundo o estudo de Fabrício Pereira da Silva chamado *Esquerdas latino-americanas: uma tipologia é possível?*(2010) a velha dicotomia das esquerdas entre movimentos reformistas e revolucionários não se aplica na conjuntura política da América Latina, pois:

“no sentido clássico do termo todas as esquerdas analisadas são ‘reformistas’, na medida em que todas chegaram ao poder pela via legal e de uma forma ou outra governam dentro dos limites democráticos, e também porque não caminham com a clareza até aqui na direção da superação do sistema econômico-social”(SILVA, 2010, pg. 138)

Sendo assim, podemos dizer que os comunistas brasileiros propriamente ditos não chamaram muita atenção no século XXI. Uma maior investigação seria mais adequada para afirmar isto com segurança, mas é possível que assim como foi nas origens do conceito (BOBBIO, 2010), o suposto ressurgimento do comunismo possa mais uma vez ter sido declarado e percebido por aqueles que se opõem veementemente à esta ideologia. É possível que o pensamento anticomunista da época da Guerra Fria nunca esteve realmente esquecido; e sim silenciado, esperando um momento de afrouxamento de forças sociais como a vergonha, para poder retornar com um mínimo de respaldo, ainda que permanecesse bizarro. Talvez seja algo como uma fileira de dominós que já estava posta, apenas esperando que alguém desse o primeiro impulso e desencadeasse, novamente, a reprodução em larga escala da antiga retórica anticomunista.

Ainda em Giddens; tempo e espaço são “vetores cruciais no seio desta teoria” da estruturação, nela os sistemas sociais seriam a “formação de modelos regularizados de interações sociais tidas como práticas reproduzidas no espaço e no tempo” (BALTAZAR, 2016, p. 87). Sendo assim, o conceito pejorativo do comunismo pode funcionar como um desses modelos regularizados de interações sociais e de práticas que são reproduzidas no espaço e no tempo através daqueles indivíduos que ainda conservam esta noção de comunismo na sua *rotinização*. Enquanto for possível que vários pensamentos de espaços tempos diferentes convivam no presente em conflito e competição, talvez as ideias novas

estarão presentes na *rotinização* da vida cotidiana só de algumas pessoas, enquanto outras estarão ainda *rotinizando* aquilo que era rotina geral há décadas atrás. Retornando à BERGER e LUCKMANN, a estrutura social para eles seria:

“a soma das tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecido por meio delas” (BERGER e LUCKMANN, 2014, pg. 52)

Sendo assim, apesar dos avanços tecnológicos, do avanço da ciência e do desenrolar da história, a hipótese de que a estrutura social do *tempo mundial* da segunda metade do século XX não tenha mudado muito para alguns atores da sociedade seja uma possibilidade plausível; de forma de que estes atores seguem tipificando e reproduzindo padrões de interação típicos daquele *tempo mundial*. Como veremos a seguir e nas entrevistas, existem sim algumas peculiaridades novas que possam ser originárias do atual *tempo mundial*. Pois, segundo Berger e Luckmann, a *vida cotidiana* funciona como um “organismo dialético que interpreta novos problemas absorvendo-os ao seu funcionamento” (BERGER, 2014, p. 229).

## 2. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Neste capítulo os dados coletados através das entrevistas serão expostos e, por meio da teoria ator-rede, as conexões efetuadas pelos atores formulados pelos entrevistados serão reunidas de acordo com a reincidência de cada uma, possibilitando uma visualização primária da ideia de comunismo formada pelas respostas. Posteriormente, na parte 2.2, a construção da rede prosseguirá com conexões das respostas com o material bibliográfico levantado. A reprodução das entrevistas e do questionário na íntegra e *ipsis litteris* estão em anexo.

### 2.1 Resultados

Como foi dito anteriormente, as respostas das entrevistas foram concedidas pelos entrevistados por mensagem de áudio e por mensagem de texto. Alguns deram respostas curtas por texto, mesmo estimulados a se aprofundarem - esta característica não foi tratada como desqualificadora do entrevistado; pelo contrário, foi adicionada como elemento passível de conexão com a rede formada pela ideia de comunismo para esta parcela de integrantes do grupo de *WhatsApp* de apoiadores do governo Bolsonaro.

O questionário foi composto por perguntas para descrição do perfil do entrevistado e perguntas sobre a opinião do entrevistado diante do objeto de pesquisa. Os resultados das primeiras perguntas estão em 2.1.1 Universo Psquisado - e os resultados das segundas estão expostos em 2.1.2 Síntese das respostas. O questionário na íntegra está em anexo.

Algumas vezes os entrevistados incrementavam em perguntas diferentes as respostas que haviam dado anteriormente, e até mesmo antecipavam suas respostas (entrevistado nº5 na pergunta nº4). Naturalmente, na parte 2.1.2 estes dados foram direcionados para a pergunta com maior equivalência.

### 2.1.1 Universo Pesquisado

A idade média da amostra é de 43,3 anos. Sua composição por gênero é de 7 homens e 3 mulheres. Todos se declararam religiosos, sendo 3 católicos, 3 cristões, 3 evangélicos e 1 espírita - metade dos entrevistados não declararam se são praticantes ou não (entrevistados 1, 4, 5, 8 e 9), três se disseram praticantes (entrevistados 2, 3 e 7) e dois se declararam não praticantes (entrevistados 6 e 10). Três entrevistados declararam residir em regiões administrativas com o maior “Índice de Desenvolvimento Humano (I.D.H.)” no Distrito Federal.

Pelo menos duas pessoas apresentam respostas que podem ser interpretadas como pouco espontâneas (entrevistados 4 e 3), suas opiniões foram mantidas pois podem ser interpretadas como mais um ator conectado na rede de conexões, ou mesmo como um veículo que leva de um ator ao outro através das conexões que formam a rede da ideia de comunismo para os entrevistados.

Como já foi dito anteriormente, nas perguntas de opinião foram estimuladas respostas por mensagem de áudio. Mesmo assim, cinco entrevistados (1, 6, 7, 8 e 9) responderam todas estas perguntas por texto, o entrevistado nº4 fez o mesmo apenas na pergunta nº6 “Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos”. Todos os outros responderam estas perguntas por áudio. Como muitas pessoas usam o whatsapp evitando enviar áudios e torcendo para não recebê-los, não colocamos exigências em respostas por áudio para viabilizar a realização da pesquisa.

Nas perguntas de opinião também houve considerável variação no referente ao tamanho das respostas dos entrevistados. A maioria das respostas longas foram para a pergunta nº5 “O que é comunismo?” (entrevistados 3, 5, 9 e 10) e para a pergunta nº7 “O que é política para você?” (entrevistados 3, 5, 6 e 10). Os entrevistados 1, 7 e 8 foram os que deram mais respostas curtas para as perguntas de opinião. Vale observar que o entrevistado nº3 deu longas respostas por áudio, nos quais foi possível detectar uma fala pouco natural. No total dos dez entrevistados e suas trinta respostas para as três perguntas de opinião, dez respostas foram curtas, sendo duas muito curtas (resposta do entrevistado nº2 para a pergunta nº5 e a resposta do entrevistado nº9 para a pergunta nº6); oito respostas foram tidas como de tamanho mediano e as respostas longas aconteceram doze vezes - sendo metade destas feitas

pelos entrevistados nº5 e nº3. O entrevistado nº5 foi quem conectou mais atores à rede devido ao tamanho de suas repostas

## 2.1.2 Síntese das repostas

### 2.1.2.1 - Pergunta: O que é comunismo?

Nesta pergunta, a maioria dos entrevistados deram respostas médias ou longas, sendo as únicas exceções as respostas dos entrevistados nº8 e nº2. Exceto os 5 entrevistados que responderam todas perguntas por texto, todos os outros responderam esta pergunta por áudio.

Os atores que mais fizeram conexões com as respostas dos entrevistados quando eram convidados a conceituar o que é comunismo, foram: submissão do povo(7x), falta de liberdade(6x), estado repressor(4x), interesse próprio(4x), corrupção(4x), totalitarismo(4x), ditadura(4x) contra Deus/ contra a religião/ satanás/ paganismo/ demoníaco/ inferno(3x), todos ficam pobres / povo na miséria (3x) e contra a propriedade(3x). Além das ocorrências mais citadas, outros atores fazem conexão com o conceito de comunismo, são eles: teoria diferente da prática(2x), anti-nacionalismo/ internacionalismo(2x), ideologia política/ econômica/ social (2x), algo que não é bom (2x), divide as pessoas (2x), ruim para os empresários (1x), não meritocrático (1x), preconceito (1x), quem não tem nada é chicoteado (1x), movimento político (1x), ideia mirabolante (1x), há vários comunismos (1x), pedofilia (1x), crime (1x), maligno (1x), tirania (1x), causa da segunda guerra mundial(1x), doutrinação/alienação (1x), igualitarismo (1x), nova ordem mundial (1x), caos (1x), antidemocrático(1x), vacina da china (1x) contra a família (1x) e ideal oposto ao capitalismo (1x).

### 2.1.2.2 - Pergunta: Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos

Nesta pergunta, a metade dos entrevistados deram respostas consideradas curtas (1, 4, 7, 8 e 9), sendo a do entrevistado número 9 considerada uma resposta muito curta. Os entrevistados nº2 e nº10 deram respostas consideradas médias. As respostas consideradas longas foram as

dos entrevistados de número 3, 5 e 6. A maioria dos entrevistados respondeu esta pergunta por texto (1, 4, 6, 7, 8 e 9), os outros responderam por áudio.

Os atores mais conectados quando o entrevistado era convidado a dar exemplos de quem seria um comunista, foram: Lula, Dilma, Fidel Castro e Raúl Castro (3x). Além destes em destaque, outros atores enunciados foram: João Dória (2x), respostas genéricas - “onde têm preconceito têm comunistas” e “a maioria é comunista” (2x), Manuela D’Ávila (2x), Guilherme Boulos (2x), Hugo Chávez (2x) Xin Jinping (2x), socialistas (2x), Adolf Hitler (1x), Bruno Covas (1x), George Soros (1x), Papa Francisco (1x), estudantes universitários (1x), os revoltados (1x), quem acredita que as pessoas valem o que têm (1x), quem é da Nova Ordem Mundial (1x), Fernando Haddad (1x), Karl Marx (1x), Friedrich Engels (1x), Fernando Henrique Cardoso (1x), Che Guevara (1x), Nicolás Maduro (1x), Vladimir Lenin (1x), Josef Stalin (1x), Mao Tse-tung (1x), Nelson Mandela (1x), Cuba (1x), Venezuela (1x), Coréia do Norte (1x), Alberto Fernández (1x), esquerda (1x), Jandira Feghali (1x), Vietnã (1x) e José Dirceu (1x).

#### 2.1.2.3 - Pergunta: O que é Política?

Nesta pergunta, três entrevistados deram respostas curtas (1, 7 e 8), dois entrevistados deram respostas razoáveis (2 e 9) e a metade deu respostas consideradas longas (3, 4, 5, 6 e 10). Exceto os 5 entrevistados que responderam todas as perguntas por texto, todos os outros responderam esta pergunta por mensagem de áudio.

Os atores que mais fizeram conexões com a resposta do entrevistado sobre o que seria política, foram: administração (5x), organização (4x), meio de mudar e melhorar a sociedade (3x), ciência (3x), direção (3x), presente em tudo no dia a dia (2x), expressão/posicionamento (2x) participação de todos (2x), relacionamento/diplomacia (2x), gestão (2x), mal necessário (1x), corrupção (1x), regime político (1x), governar (1x), um direito (1x), debate (10%) e arte (1x).

## 2.2 - Discussão

Utilizando o material bibliográfico levantado e partindo das conexões elaboradas pelos entrevistados, podemos agora começar a rastrear outros atores sociais que estejam conectados àqueles que foram apontados pela ideia de comunismo para esta parcela de integrantes de um grupo de apoio ao governo Bolsonaro no *WhatsApp*.

Seguindo as descrições de BOBBIO (2010), é possível aferir que a ideia de comunismo para pessoas pertencentes a um grupo identificado com Bolsonaro se configura numa combinação do anticomunismo dos regimes fascistas, com o anticomunismo dos regimes democráticos em que o movimento comunista local não têm grande relevância. A conexão com o anticomunismo fascista vem da postura de tratar toda oposição como comunista, sobretudo a oposição com base popular, e não necessariamente somente os comunistas propriamente ditos. Já a semelhança com o anticomunismo dos regimes democráticos que não têm uma ala comunista forte dentro do seu sistema parlamentar e político, vêm do sentido de que o anticomunismo se manifesta como um componente importante da cultura política que é consumida no país, tendo muitas vezes uma função de legitimação do sistema político - funcionando como uma prevenção e predisposição ao isolamento de qualquer movimento de oposição que tenha, de perto ou de longe, referências e traços do pensamento comunista (BOBBIO, 2010, p. 35). Como vimos, o anticomunismo esteve presente em diversos momentos da história brasileira, inclusive naqueles que a democracia brasileira colapsou e costuma ser oferecido diariamente nas mídias para o consumo das massas, fazendo do anticomunismo um traço político cultural predisposto à integrar o imaginário da audiência mais vulnerável à recepção dos valores emitidos.

Segundo as descrições em Sá Motta (2002, p. XXV, p.29-30, p. 38, citado por OLIVEIRA, 2004, p. 186), podemos continuar a construção da rede de conexões da ideia de comunismo para estes apoiadores do governo Bolsonaro da seguinte forma: a ideia maniqueísta de bem contra o mal, Deus contra o Satanás e etc, se conecta com a retórica do anticomunismo católico no Brasil. A noção de que o comunismo seria “o fim do Brasil” (entrevistado nº5) se conecta com a vertente nacionalista do anticomunismo brasileiro - esta vertente imputava o comunismo como uma manifestação de interferência externa, antigamente o ator da

ingerência era a URSS - hoje, sobretudo no contexto da pandemia e da disputa pela hegemonia econômica mundial, o suposto agente interventor comunista encontra mais lugar na China. Por sua vez, o receio do autoritarismo político, a falta de liberdade e a preocupação com a propriedade privada encontram conexão com a retórica utilizada pelo liberalismo anticomunista brasileiro, e são estas as características que mais se repetiram nas respostas - portanto, pode-se considerar este elemento um postulante ao título de conexão com maior destaque na construção desta rede.

Ainda sobre a ideia de luta do bem contra mal, podemos seguir o rastro para outro ator importante na propagação do anticomunismo: o discurso da mídia ocidental. Como dito anteriormente, as invasões e ingerências americanas recebem a aura de luta do bem contra o mal através da maneira que as grandes mídias tratam o tema, e também a produção cultural americana que têm o hábito de colocar isto em seus filmes, onde os vilões são não-americanos e o herói é sempre um anglo-saxão (CHOMSKY, 2005, p. 128, LIMA JR., 2008, p. 127, WALLERSTEIN, 2007, p. 25). A grande mídia e as grandes produtoras de conteúdo audiovisual têm o maior potencial de impacto dentro da *vida cotidiana* dos atores, com acesso à *distribuição social do conhecimento* dos atores entrevistados e, conseqüentemente, provoca a reprodução dos seus discursos pelos atores entrevistados.

Naturalmente, a retórica da política externa norte-americana, voltada para os países da América Latina, se conecta aos atores levantados pelos entrevistados devido às conexões e o canal aberto que, dentro da *distribuição social do conhecimento*, os mesmos têm com a produção ideológica do país anglo-saxão. Segundo Chomsky, o controle do que as pessoas pensam, feito principalmente através do controle do acesso à informação, é uma das características totalitárias e fascistas do Estado americano que pode ser vista na sua política externa através, principalmente, do aparelhamento de produtoras de conteúdo audiovisual e instituições, como foi o caso da IPÊS no Brasil.

A categoria de “anti-nacionalista” se refere às vezes que, de alguma forma, os entrevistados disseram que o comunismo iria acabar com as nações e com os países em nome de um governo único no mundo inteiro. Isto vem de uma das características da teoria comunista que não eram consensuais (BOBBIO, 2010, p. 646): o internacionalismo - e também se origina já do uso recorrente desta característica como retórica nos discursos anticomunistas. Além do mais, já há um bom tempo que os partidos comunistas do mundo não acenam para uma

tentativa de reviver o internacionalismo comunista - o que parece ocorrer, por parte do bolsonarismo, é uma conexão da globalização com o internacionalismo comunista.

Algumas das experiências e fracassos dos governantes comunistas ao longo da história são pontos de partida para algumas das conexões pejorativas apresentadas, e costumam ser assuntos amplamente utilizados na produção iconográfica e na mídia. O mesmo vale para algumas características que apareceram pontualmente em algumas teorias comunistas, que não eram as marxistas, como por exemplo a supressão da família e da propriedade privada - estes atores foram levantados pelas formulações dos entrevistados e encontram um pequeno paralelo na bibliografia, que é desproporcional quando comparado à mensuração feita pela retórica anticomunista. O mesmo ocorre com a questão da supressão da família, que tampouco era uma pauta predominante no vasto pensamento comunista. Na proposta de Platão, por exemplo, somente as elites dirigentes participavam das propostas, o povo seguiria vivendo uma vida “tradicional” com sua família. Curiosamente, a primeira vez que um ideal comunista surgiu incluindo a totalidade da população foi através das ideias comunistas encontradas na Bíblia (Mateus, 6:19-21, Marcos, 10:21,25, Lucas 6:20). Inspirados nestas ideias surgiram diversos movimentos comunistas ligados a Igreja, dentre eles o pensamento do monge Tommaso Campanella que tinha a abolição da família e da propriedade privada como uma das pautas.

Porém, como foi dito, dentro do próprio movimento comunista existiram divergências sobre a propriedade privada, não era um assunto consensual, e estas divergências costumavam dividir o grupo entre os revolucionários e os moderados - por exemplo nos primórdios da ideologia, no início da revolução inglesa, houve já citada oposição revolucionária entre os cavadores e os niveladores. A propriedade privada foi um ponto de divergência até dentro do pensamento de um único autor, como o de Rousseau - também citado anteriormente.

Além do mais, algumas observações trouxeram curiosidades, como a maneira que dois entrevistados pronunciaram “Lula”, soando como “lhula” e mudando a entonação de voz. Talvez seja reflexo de alguma manifestação psicológica, mas esta pesquisa não tem embasamento para tratar isto de maneira mais profunda além de uma simples observação.

De reflexões oriundas do *Webinar - Comunicação Digital em Tempos de Pandemia - FGV DAPP*, é possível supor que o teor das informações colhidas nas entrevistas sejam produzidas

e mantidas por espaços que são usados para extremar opiniões de pessoas que já concordam entre si em relação a certos discursos. Estes espaços funcionam criando “câmaras de ecos cada vez mais fortes (...) que vão cada vez mais reproduzir este discurso e isto vai extremizando a posição política das pessoas e afastando elas”<sup>14</sup>

Algumas das entrevistas deram a sensação de que o entrevistado estava buscando ter uma boa performance na formulação das perguntas, isto justificaria a suspeita de que alguns dos entrevistados fizeram consultas na hora de responder, devido à entonação de voz pouco natural e a dificuldade que alguns tiveram ao pontuar suas frases.

---

<sup>14</sup> Fala da Prof. Dra. Raquel Recuero em “*Webinar - Comunicação Digital em Tempos de Pandemia - FGV DAPP*” em <https://www.youtube.com/watch?v=2yujCIso4yQ&feature=youtu.be>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a ótica da teoria ator-rede, o “mais importante a se fazer é descobrir novas instituições, procedimentos e conceitos capazes de coletar e reagrupar o social”, e para isso o cientista social deve “seguir os próprios atores”, ou seja

“(…)tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para a sua adequação, qual definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer. A sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi agregado, mas nem tanto quando o problema é reunir novamente os participantes naquilo que não é - ainda - um tipo de esfera social” (LATOUR, 2012, pg. 31)

Uma das tarefas desta monografia se trata do que foi dito acima: buscar pistas para entender as inovações do significado da ideia de comunismo (ou do anticomunismo) para esta parcela dos apoiadores do governo Bolsonaro, mesmo que estas inovações sejam bizarras. Para isso, Latour, através da metáfora da formiga, defende que devemos percorrer a pé este caminho de descoberta, recusar caronas de qualquer veículo mais rápido e tampouco seguir placas de orientação - ou seja, abdicar de macro explicações globais, para priorizar observar o trajeto e os locais que o caminho apresenta (2012, p. 247).

Considerando os atores levantados pelos entrevistados e os atores levantados pela literatura consultada, os dados coletados através desta pesquisa podem ser interpretados como um aceno de que a ideia de comunismo para o bolsonarismo de *WhatsApp* no Distrito Federal é uma junção de características do anticomunismo extremo dos regimes fascistas, do anticomunismo dos países democráticos com movimentos comunistas pouco relevantes (BOBBIO, 2010), das três vertentes brasileiras de anticomunismo - (i)católico (ii)nacionalista, (iii) liberal (SÁ MOTTA, 2002 p. XXV, p. 29-30, p. 38, citado por OLIVEIRA, 2004, p. 186), com destaque de conexões para o ator representado pela terceira vertente; e, além disso, contrariando o anticomunismo brasileiro da década de 60 e do contexto da Guerra Fria, têm como peculiaridade classificar como comunistas os regimes de

extrema direita (fascismo e nazismo) - o que pode ser interpretado como um novo elemento dado ao anticomunismo no Brasil.

Ademais, na história recente brasileira, as pessoas de esquerda têm sido enquadradas em conceitos amplos como “petistas” e “comunistas”. O primeiro conceito passou a dar lugar ao segundo gradualmente a partir do momento que o Partido dos Trabalhadores saía do poder. Como já mencionado, a qualificação de comunista para toda e qualquer oposição é um traço do anticomunismo dos regimes fascistas. Na atual conjuntura política brasileira, outra ideologia de oposição também ressurgiu fazendo conexões com os atores na rede: o antifascismo. Embora possamos encontrar pessoas que se declaram comunistas, o mesmo não acontece com o fascismo. Não há uma declaração direta de identidade com esta ideologia, mas há uma declaração indireta se interpretarmos a atitude de se colocar contra o antifascismo, como uma identificação não declarada, mas manifestada no sentido de tomar um posicionamento concreto de se sentir ameaçado por um movimento que se declara “antifascismo”. Alguns exemplos podem ser levantados para dar mais embasamento, como a tentativa do governo de Donald Trump de listar o antifascismo como organização terrorista<sup>15</sup> e a elaboração do dossiê antifascista por parte do governo Bolsonaro<sup>16</sup>.

Como é comum em pesquisas sociológicas, a conclusão desta monografia produziu muito mais perguntas do que afirmações. Pelo menos três novos objetos de pesquisa podem ser formulados. Um destes objetos de pesquisa seria “o conceito de Direitos Humanos para o bolsonarismo” - e que poderia ser feito de maneira semelhante à desta pesquisa, só que dessa vez perguntando o que seriam os “Direitos Humanos”. Talvez seria de alguma valia para o estudo do contexto político atual.

Acredito que também possa ser de alguma valia uma pesquisa sobre a avaliação dos bolsonaristas da qualidade do *WhatsApp* como meio de informação política. A resposta do entrevistado nº5 para a pergunta nº5 é a origem desta observação, pois o mesmo diz que hoje as pessoas têm acesso a “informação na palma da mão” e que por isso hoje está evidente “quem é do bem, nessa sociedade, e quem é do mal”. O entrevistado nº6, embora tenha se mantido dentro da retórica anticomunista, se descreveu como uma pessoa que pesquisava

---

<sup>15</sup> “Trump diz que vai designar antifascistas como organização terrorista”

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/trump-diz-que-vai-designar-antifascistas-como-organizacao-terrorista.shtml>

<sup>16</sup> “STF decide suspender produção de dossiê sobre antifascistas pelo Ministério da Justiça”

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/20/stf-forma-maioria-para-proibir-ministerio-da-justica-de-produzir-dossie-contra-antifascistas.ghtml>

antes de formar suas opiniões. Devido ao conteúdo das respostas ser coincidente com o material panfletário distribuído nos grupos de *WhatsApp*, fica a impressão de que o uso deste aplicativo como veículo de formação de opinião tem sido usado com certo grau de confiança pelos usuários bolsonaristas; apesar dos volumosos casos de fake news que ocorrem no aplicativo. O uso aparenta ser feito de maneira acrítica e convicta. Sobre isto, Edward Said (1990), ao tratar do orientalismo, trás o conceito de “conhecimento imaginativo”

“Quase desde os primórdios da Europa, o Oriente era algo mais que o que era empiricamente conhecido a seu respeito. Pelo menos até o início do século XVIII, como demonstrou R.W. Southern com tanta elegância, o entendimento europeu de um tipo de cultura oriental, o islâmico, era ignorante mas complexo” (SAID, 1990, p. 66)

Para Said o conhecimento imaginativo “está presente como algo a mais do que parece ser o conhecimento meramente positivo” (*idem*) e isto dá a este conhecimento um caráter de resistência aos fatos e ao “positivismo” da realidade - fazendo-o permanecer firme mesmo que os fatos sejam divergentes. Said dá como exemplo a reabilitação dos cristãos em mudar a imagem que tinham do islamismo, mesmo diante de provas:

“Havia uma imagem cristã (do islã) cujos detalhes (mesmo sob a pressão dos fatos) eram abandonados o menos possível, e cujas linhas gerais nunca eram abandonadas”(SAID, 1990, p. 71)

Para este autor esta classificação do outro de forma convicta e rígida era praticada pelos gregos e romanos com a intenção de se colocar como superior na comparação. Será que o mesmo ocorre com objeto desta pesquisa? Não é possível afirmar sem um profundo estudo.

Antes de finalizar, gostaria de retornar à uma citação anterior de Marcus R. de Oliveira (2004, p. 185) resgatando a presença do anticomunismo nos dois momentos de colapso da democracia brasileira (1937 e 1964). Como o artigo é de 2004, não era possível o autor citar o golpe de 2016 que pavimentou a chegada por via democrática de um governo autoritário e militarizado - à luz da história e observando os fatos, é possível perceber que o anticomunismo volta ao cenário político brasileiro sendo mais uma vez acompanhado de um colapso do sistema democrático e, além disso, sendo usado como retórica habitual de um governo que propõe a criminalização não só do comunismo<sup>17</sup>, mas da esquerda como um todo - um ato fascista, sem dúvidas - que persegue grupos que se identificam como antifascista - o

---

<sup>17</sup> PL 5358/2016, altera a redação da Lei nº7.716, de 5 de janeiro de 1989 e da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, para criminalizar a apologia ao comunismo - <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2085411>

que pode ser lido como uma autodeclaração indireta de fascista - e que mobiliza sua base para pautas antidemocráticas como o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal<sup>18</sup>. Sendo assim, outro objeto de pesquisa surge: o crescimento do anticomunismo no sistema democrático brasileiro pode ser o prenúncio da possibilidade futura de um colapso democrático?

Para finalizar e ainda falando sobre fascismo no Brasil, este trecho do livro *Escritos de Carlos Marighella* (1979) levanta algumas reflexões sobre o contexto político atual e sobre outra palavra que surgiu no final da década de 10 do século XXI: *mito*:

“Durante a Segunda Guerra Mundial, o grupo de oficiais que evoluiu para o fascismo militar brasileiro o fez sob a inspiração desses setores ideológicos norte-americanos, lutando contra o hitlerismo nos campos de batalha menos por um sentimento de defesa das liberdades do que pela subordinação à aliança do Brasil com os EUA (uma espécie de aliança do pote de barro com o pote de ferro). Mesmo nossas forças armadas, em conjunto, não são imunes a tal influência e, como diz o jornalista Hermano Alves, em recente artigo no Correio da Manhã “estão vivendo à custa de *mitos*: o *mito* da participação brasileira em um conflito global; o *mito* de um alerta permanente contra uma “agressão interna” de origem comunista; o *mito* de uma participação racional dos militares — como corporação — na direção dos negócios políticos, financeiros, econômicos e diplomáticos”.

Esta vassalagem ideológica fez do fascismo militar brasileiro um sustentáculo da guerra-fria e do ACORDO MILITAR BRASIL-ESTADOS UNIDOS, e lhe deu a tônica do **anticomunismo**, da “guerra psicológica”, e do **golpismo**. Nos dias atuais tornou-o defensor de uma nova tese estrangeira — a da eliminação das áreas de atrito com os EUA —, ou seja, a supressão de quaisquer barreiras à penetração e domínio do capital norte-americano no Brasil.

São estas contingências que explicam porque o fascismo militar brasileiro firma seu principal ponto de apoio num grupo radical de oficiais, e porque, não obstante muitos deles terem lutado contra o nazismo nos campos da Itália, desempenham o papel de sustentadores da atual ditadura, defendem a subordinação do Brasil aos EUA, concentram o fogo no **combate ao comunismo** e se tornaram autores do **golpe** que liquidou a democracia — **golpe** inspirado e apoiado pelos norte-americanos.” (MARIGHELLA, 1974, p. 21 - grifos nossos, caixa alta do autor)

---

<sup>18</sup> O que é 300 do Brasil, grupo de extrema direita liderado por Sara Winter - <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/06/15/o-que-e-300-do-brasil-grupo-de-extrema-direita-liderado-por-sara-winter.htm>

Sendo assim, mesmo com algumas características próprias, o contexto atual guarda ainda em sua estrutura muitos atores que foram protagonistas em outras épocas e que seguem se reproduzindo no senso comum pela *rotinização* da vida cotidiana, ora de maneira mais tímida ora de forma mais contundente. No caso do anticomunismo brasileiro, como foi dito, o elemento de colapso democrático parece ser um dos mecanismos em sintonia com esta variação de intensidade, podendo ter sobre ele uma relação de causa e efeito. De qualquer forma, fica reforçada a famigerada importância do conhecimento histórico e sociológico para a compreensão da atualidade e dos estudos voltados para compreensão da urgência da atualidade.

## BIBLIOGRAFIA

BALTAZAR, Maria Saudade. *Anthony Giddens e a teoria da estruturação*. Revista Desenvolvimento e Sociedade, nº1, Nov. 2016

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 36. ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política* / Norberto Bobbio, Nicola Matteucci, Gianfranco Pasquino. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ª ed., 4ª reimpressão, 2010

CHOMSKY, Noam. *Poder e terrorismo*. organizador Jonh Junkerman, Tsurumi Shunsuke. tradução Vera Ribeiro - Rio de Janeiro, Record, 2005

COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo, SP: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1994

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. tradução Álvaro Cabral, - 2ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 2003

GRISOLIO, Lilian Marta. *A ameaça vermelha: O perigo da infiltração comunista na américa latina*. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis. 2015

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012

LIMA JR, Jayme Benvenuto. *Noam Chomsky e o poder da retórica global em face das intervenções humanitárias*. Lua Nova, São Paulo, 73: 123-145, 2008

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. 1.ed. São Paulo : Expressão Popular, 2008.

MORAES, João Quartim de. *A mobilização democrática e o desencadeamento da luta armada no Brasil em 1968: notas historiográficas e observações críticas*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 1(2):135-158, 2.sem. 1989

OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A ideologia anticomunista no Brasil. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba,n.23,p.185-188, Nov. 2004

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*; tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

SÁ MOTTA, R. P. 2002. Em guarda contra o perigo vermelho : o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo : Perspectiva.

SILVA, Fabrício Pereira da. *Esquerdas latino-americanas: uma tipologia é possível?*. Oikos, Rio de Janeiro, Volume 9, n.2. pgs 121-140. 2010

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* ; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa - Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. São Paulo: Boitempo, 2007.

# ANEXO nº1 - QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS

## **Questionário na íntegra**

- 1- Qual a sua idade? (Resposta opcional, pode ser por texto)
  
- 2- Qual a sua ocupação?(Resposta opcional, pode ser por texto)
  
- 3- Qual R.A. você mora? (Plano, Sudoeste, Guará, Taguatinga, Ceilândia...) (Resposta opcional, pode ser por texto)
  
- 4-Têm alguma religião? Qual? É praticante? (Resposta opcional, pode ser por texto)
  
- 5- O que é comunismo? (Resposta opcional, de preferência por áudio)
  
- 6- Quem seria um comunista? Exemplo? (Resposta opcional, de preferência por áudio)
  
- 7- O que é política para você? (Resposta opcional, de preferência por áudio)

## Entrevistas

As entrevistas estão transcritas e reproduzidas *ipsis litteris* abaixo. As respostas dadas por áudio estão precedidas por uma observação em itálico, a ausência desta observação indica que a resposta foi dada por mensagem de texto. O itálico também foi utilizado para indicar falas do entrevistador e supostos erros de digitação ou pronúncia.

### Entrevista nº1

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	70 anos
2	Qual a sua ocupação?	Aposentada
3	Qual Região Administrativa você reside?	Plano Piloto
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Sou espírita
5	O que é comunismo?	É forma de governo ditatorial, onde o homem e apenas um número, não possui liberdade para gerir sua vida, não possui propriedade, é dependente do Estado, que é quem detém todos os bens. Só têm um partido que é marxista e é governado por uma nomenclatura que vive nababescamente e se eternizam no poder.
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	Todos os mandatários da Coreia do Norte, Cuba, Vietnã, Venezuela e, no Brasil, Zé Dirceu, Jandira Fegalli, Manuela D'Avila entre outros
7	O que é política para você?	É a ciência de trata da administração, da gerência coisa pública e bom trato entre os administradores.

### Entrevista nº2

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	22
2	Qual a sua ocupação?	Estudante
3	Qual Região Administrativa você reside?	Ceilândia
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Sou católico <i>praticamente</i>
5	O que é comunismo?	Sei que é uma tentativa de deixar todos iguais através da pobreza
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	<i>(transcrição de áudio)</i> Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin, Stalin, Mao Tse Tung, todos têm essa ideia de igualar todos na pobreza.
7	O que é política para você?	<i>(transcrição de áudio)</i> Um regime político onde a maioria decide o que é melhor para todos, o que é mais conveniente para todos. Não o que querem mas sim o que realmente é bom e necessário e que vai fazer bem a todos.

### Entrevista nº3

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	56 anos
2	Qual a sua ocupação?	Oficial de Justiça aposentada
3	Qual Região Administrativa você reside?	Riacho Fundo 1
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Católica Apostólica Romana, praticamente, membro da EESA- Escola de Evangelização Santo André
5	O que é comunismo?	<i>(transcrição de áudio, fala pouco natural)</i> É... comunismo... pra mim... é a ideologia política e socioeconômica, né? Que pretende promover uma sociedade igualitária sem classes sociais e

		<p>apátrida, em que o Estado é proprietário de tudo e o cidadão não pode possuir bens. Mesmo você trabalhando mais que o outro, você recebe o mesmo valor, a mesma coisa, né?. Onde a... exclui Deus da relação com o homem, sendo o ditador o Deus Supremo da... daquele país! A religião é um mee, é um meio de opressão e atraso mental da pessoa, e foi defendida por Karl Marx, em que... o homem não precise de Deus para viver, para sobreviver... (<i>homem cochicha no fundo, "só do Estado)</i> oi? só precisa do Estado, né? O Estado monitora a vida privada da pessoa, do cidadão, e deve obediência ao partido comunista dominante daquele país. Ou seja, você.. é... apenas um mero objeto do Estado. Você não têm... voz, você não têm valor, você não têm vida própria, você não têm pensamento próprio, você não pode pensar por si mesmo, você têm que pensar conforme o Estado... dita... as regras.</p>
6	<p>Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.</p>	<p>(<i>transcrição de áudio</i>)Mais recente...ham... Fidel Castro, o irmão dele..na...Em cuba, né... o Che Guevara. O pa... o presidente da China.. é comunista. No Brasil, a Dilma Rouseff...o... (<i>cochicho ao fundo: "Lula!"</i>)o ex-presidente...também, Lula, presidente Lula...o Haddad, a Manuela..Ávila... e assim o... o Boulos também, e entre outros...é...famosos no Brasil, né.</p>
7	<p>O que é política para você?</p>	<p>(<i>transcrição de áudio, fala pouco natural</i>) Política pra mim.. têm a ver com a organização, direção, administração... relação com outros Estados né, de nações, países né... e grupos também, né? É.. também é um direito enquanto ciência né... e o... Aristóteles, aquele filósofo grego, foi quem mais... abordou siste.. abordou e <i>siste, siste</i>, e sistematizou né o conceito de política... Ahm... A política também está presente em todas as áreas da vida humana né.. seja na organização do Estado, na vida privada, nas empresas, nas relações familiares, religiosas... socioeducativas. Entretanto... muitos brasileiros entendem que política é... é... esta... relacionada meramente... à partidos... políticos, eleições, a administração do Estado, a escolha dos representantes...é ... políticos, né? Entretanto político é bem mais</p>

		abrangente e complexa de se explicar e..de..de se exercer, né?
--	--	--

#### Entrevista nº4

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	26 anos
2	Qual a sua ocupação?	Secretária
3	Qual Região Administrativa você reside?	Águas Claras DF
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Evangélica
5	O que é comunismo?	<i>(transcrição de áudio, fala não natural)</i> Então, o comunismo é o movimento político que serve apenas de pretexto hipnótico para o controle das massa, é o controle efetivo e total da sociedade civil e política. É um falso pretexto que ele utiliza para controlar...ditatorialmente as sociedades, né?
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	Os próprios jovens de universidades Brasileiras
7	O que é política para você?	<i>(transcrição de áudio, fala pouco natural)</i> Então, eu vou falar bem breve porque como eu não tô com a cabeça muito boa hoje, para falar sobre política, têm dia que eu to muito bem para discutir isso, mas eu vou dar uma breve...sobre a minha opinião, entendeu? é... então a política para mim, na minha opinião, é algo que está ligado ao nosso dia... não é somente na minha opinião! É um fato, né?! Que em cada decisões que a gente toma. Né? Seja em qual pessoas que estiver com o poder, para fazer uma boa administração a gente depende da política todos os dias. E também é algo que a gente... tá ligado ao nosso dia a dia... e também... é... o nosso futuro. Né? E têm haver também pela organização e administração do país.

## Entrevista nº5

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	<i>(transcrição de áudio)</i> Tenho 53 anos de idade, sou casado e pai de 3 filhos. Tenho 28 anos de casado.
2	Qual a sua ocupação?	<i>(transcrição de áudio)</i> “Já criei... já criei conselho de desenvolvimento rural, sustentável! Fui conselheiro, fui presidente do conselho, fui presidente de associação de agricultores, de associação comunitária na área rural, por quatro mandatos, e...Fui... É... Tive cargo comissionado como diretor de agricultura... do GDF. Assessor.... de diretoria.... na secretaria de habitação... SEDUH. E... também sou, sou vigilante, meu ganha pão, sempre foi. Sou vigilante há vinte e dois anos. E, fui presidente do conselho de desenvolvimento comunitário no Del Lago, no Itapoã. E continuou líder comunitário no Itapoã. Ok?
3	Qual Região Administrativa você reside?	<i>(transcrição de áudio)</i> Sempre morei na região, na maior região agrícola do... Distrito Federal. Primeira e segunda maior região agrícola, essa é minha área de atuação. Hoje eu moro no Itapoã, que é... que é vizinha, co-irmã do Paranoá - onde eu sempre morei nessa regional agrícola do Paranoá, área rural do PadeF, aonde produz o maior números de grãos. É...por metro quadrado da América Latina... você sabia disso?! Pois é...Então, eu fiz parte eu ajudei, eu contribui com essa tecnologia com essa produtividade...com essa.... com esse... hã...com esse aparato para ajudar a estimular... essa produção por metro quadrado, uma vez que nós tínhamos um cerrado que não valia nada e hoje ele é um cerrado... é uma terra altamente valiosa, têm fazendas, chácaras que hoje já produz de forma orgânica... né? Transformou um cerrado fraquinho ácido, em uma terra altamente produtiva como se fosse uma cultura. Tá certo? Um abraço.
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	<i>(transcrição de áudio)</i> Sou católico apostólico romano! Sou conservador de direita. Aprendi,

		<p>conheci, em 2017, 2018, o que é ser um conservador de direita! Coisa que não existia em nosso país. Hoje a gente entende o que... o que nos... o que nos norteia! O que precisa, o Brasil... para, se libertar de tantos males que tá sendo construído pela Nova Ordem Mundial... Pela, é... Pe... pela... pelo... o... comunismo, que é o de <i>dominasi</i>... governo totalitário único no mundo, e isso nós não podemos. É como se fosse determi... decretar o fim do Brasil, o fim de todos os países e construir uma única, um único...é...Um único governo mundial. E isso não é bom.. isso não é democrático, não é salutar. É a... o governo totalitário eu sou totalmente contra.</p>
5	O que é comunismo?	<p>(<i>transcrição de áudio</i>) O comunismo... é... é a representatividade do paganismo. Falando religiosamente, via... conhecimento... bíblico. É o pagão. É aquele que não acredita em Deus, que trabalha contra Deus, que... serve... unicamente a si próprio. Esse é o... o dito comunista. Aquele que... Principalmente nesse momento, nesse mundo de hoje, quer dominar o mundo através de suas ações malignas. Ou seja, se não é da parte de Deus, é da parte do mal. E hoje está claro isso: quem é do bem, nessa sociedade, e quem é do mal. Porque... depois da... da... da... da acessibilidade, da população inteira... do pequenininho ao maioral, do... do mais, do mais pobrezinho ao mais rico todos têm a informação na palma da mão. E isso é... notório e claro para todos hoje. Aqueles que não são... que não... que escaparam da... da alienação e escaparam da doutrinação... que é esse, esse comunismo, desenfreado... que defendem... O comunismo é outro, é outro Estado político que defende o totalitarismo, que defende um Estado soberano, e quer implantar sobre todos, sobre a sociedade.. o seu poderio. Então, que todos têm que se ajoelhar diante do Estado. Esse é o comunismo. Esse é pragmaticamente a... o mecanismo usado para que, para convencer as pessoas, através de que? Das doutrinações... é... e... E de, têm... Eles usam diversos mecanismos para doutrinar as pessoas, né? Jogando se... uma... um movimento contra o outro, uma população contra a outra, uma</p>

		<p>sociedade contra a outra, e... para enfraquecer a sociedade... para cada um achar que pensa de um jeito que têm que levantar o movimento de um jeito contra o outro, para que o Estado entre com sua totalidade, com seu poderio, com sua soberania, para dominar a todos. Esse é o sistema... do comunismo, além de trabalhar contra as família, contra Deus... né? Como já bem disse... Karl Marx, né...? E o Lenin. Karl Marx disse que Deus é o seu maior inimigo. E Karl Marx foi cooptado pela essa Nova Ordem Mundial... há anos atrás, com seu discurso fácil, inflamado, né? E... cooptou Karl Marx, para que ele... com suas ideias... mirabolantes, implantasse a sua visão no mundo... para facilitar... a Nova... o domínio da Nova Ordem Mundial, que são todos comunistas... né? Que... pregam muito a... e fazem, né? Fazem, e praticam a pedofilia e vários outros crimes, que é demoníaco e que é contra as leis de Deus, contra as famílias, contra a religiosidade das pessoas.</p>
6	<p>Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.</p>	<p>(<i>transcrição de áudio</i>)A gente pode citar várias pessoas... é... comunistas... comunistas, né? Começando pelo... <i>Xin Jin Bin</i>... é... Partido Chines. Presidente da China. O... o... o criador do.. do covid-19... O... o que tá tentando enfiar goela abaixo via João Dória, outro comunista, a vacina. Comunista é só... valor pra ele, pro João Dória, é dinheiro. Então pra ele tanto faz. Pode sacrificar uma população em nome de ganhar muito dinheiro. Comunista é isso aí, valeu...? Ele... pra ele só vale o que ele tem, se ele não tem nada ele não vale nada. Se você não têm nada você tem que ser dominado e chicoteado. Então, esse é o Estado comunista. E... (<i>pigarro</i>)... desculpa... E esses dois camarada pra mim são dois comunistas. Além de Lula, Dilma e essa turma todinha como Fidel Castro, né? Como... Raul Castro, como... Hugo Chávez. Todos se vestem deste mesmo espírito. A esquerda, inteira, são comunistas. Socialista é disfarce para chegar ao comunismo, ao totalitarismo.</p>
7	<p>O que é política para você?</p>	<p>(<i>transcrição de áudio</i>) Política para mim... é... é um mecanismo que sempre existiu, e precisa</p>

	<p>existir, para direcionar, ou... aplicar um direcionamento ... ouvindo a população e... tomando como medida aquilo que a população precisa... para resolver os seus devidos problemas. E é...isso... isso pra mim é política. E usada, da melhor forma, e aplicada os recursos... É o... é a gestão, é fazer gerir...é administrar... os recursos públicos... para fazer... os... aplicar em programas que chegue à ponta, que devolva e <i>melhora</i>...melhore a qualidade de vida, do país, da população, da comunidade, de cada quadradinho do nosso país, do mundo. Essa pra mim é a política boa, e quando ela se torna... bandeira... ideológica... aí já não presta. Aí é usar a política para levantar uma causa própria. Então isso é o mal da política. Política boa... e a <i>polística</i>... a política é isso: é direcionar, é fazer gerir, é fazer gestão dos recursos públicos, ou seja, recurso que é pago pela sociedade, devolvendo a, esses recursos em... projetos importantes que... facilite, melhore a qualidade de vida de todos.</p>
--	--

### Entrevista nº6

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	43 anos
2	Qual a sua ocupação?	Autônomo (pintor letrista, faixas desenhos etc, aula de música violão teclado, formatação de computadores, e pequenos serviços gerais tipo)
3	Qual Região Administrativa você reside?	Município de Padre Bernardo no entorno do DF. Setor de Chácaras entre Monte Alto e Vendinha.
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Cristão. Já participei das assembleias de Deus, tentei outras, mas devido a conhecimentos adquiridos no decorrer dos anos, não consigo me encaixar em nenhuma por enquanto.
5	O que é comunismo?	Comunismo não é bom. Se fosse bom anos atrás, não teriam sido combatidos com tanta garra. Fomentou a segunda guerra mundial. É o inferno na terra. (audio n dá. To rouco hj)

6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	<p>Comunista = socialista só que mais radical. É um revoltado da vida, acha que a sociedade, o governo e qualquer pessoa que esteja melhor que ele o deve. Sua intenção é dividir o que o outro tem e guardar o seu a sete chaves. Communist diz que é pela comunidade e bla bla bla mas têm por trás muita injustiça e ditadores tiranos. Exemplos países asiáticos e agr latinos como Cuba Venezuela argentina que estão arruinados. Dizem tomar de quem têm muito e dar pra quem não têm. Esse que não têm muitas vezes não merece, não lutou para conquistar, péssimo administrador da própria vida/financas/bens. O estado onde o comunismo impera, empresários perdem, não há liberdade. Apenas o caos, controlado pelos maiores líderes que se acham deuses enquanto o povo sofre na dependência do estado na miséria.</p>
7	O que é política para você?	<p>Política. Um mal necessário. Sem a política viveríamos numa anarquia. O problema da política é que leva a corrupção e as vantagens sobre os demais. Se não houvesse dinheiro envolvido, só entraria para a política quem realmente quisesse fazer a diferença pensando no bem estar de seus semelhantes comunidade cidade estado e país. Os poucos chorajoso que entram nesse mundo obscuro, o fazem para tentar fazer a diferença. Infelizmente a maioria está lá por dinheiro, status, e vantagens.</p> <p>Como podera ver no meus status em geral sou de direita mas não sou cego. Aposto somente após muito pesquisa. E só depois passo a defender meu ponto de vista, sempre aberto a dialogos, procurando sempre saber a verdade.</p> <p>Tenho amigos de ambos os lados com os quaia sempre tenho discussões saudáveis respeitando opiniões contrarias nunca tentando converter ninguém. Cada um que analise e veja por si mesmo se não for cego.</p>

### Entrevista nº7

	PERGUNTA	RESPOSTA
--	----------	----------

1	Qual a sua idade?	36
2	Qual a sua ocupação?	Rodoviário
3	Qual Região Administrativa você reside?	RA 3 taguatinga
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Sim.praticante.de A igeja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias
5	O que é comunismo?	Existe varias espista p essa pergunta, porém no meu ponto de vista comunismo é: uma ideologia política socioeconomica baseada naquilo politicamente (interesse próprio.) acho q vc já estar visando 2022
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	Acredito que a maioria são Em 1 pais que xiste preconceito, existe o comunismo.
7	O que é política para você?	Você disse que era só 6 perguntas Política é a arte ou ciência de governar da organização, direção e administração de nações e estados conclusão (ciências politicas)

### Entrevista nº8

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	51 anos
2	Qual a sua ocupação?	jornalista
3	Qual Região Administrativa você reside?	Lago Sul
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Cristão
5	O que é comunismo?	Teoria antagônica ao capitalismo
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	O mundo tá infestado deles. Lula, FHC, João Dória, Bruno Covas, Guilherme Boulos, Papa Francisco. George Soros, Nelson Mandela etc.
7	O que é política para você?	A política é a forma como os cidadãos participam

		da organização de sua sociedade.
--	--	----------------------------------

### Entrevista nº9

	PERGUNTA	RESPOSTA
1	Qual a sua idade?	idade 39 anos
2	Qual a sua ocupação?	técnico em segurança do Trabalho
3	Qual Região Administrativa você reside?	Recanto das Emas
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Cristão
5	O que é comunismo?	<p>Regime que constitui de forma igualitária a divisão de recursos do País a todos perante a sociedade acho que na teoria é isso mais na prática e diferente minha opinião</p> <p>- <i>Pode dar sua opinião na prática tbm, pr fvr</i></p> <p>Não vivi em um país comunista para expressar uma opinião formada sobre o tema mais vejo que a uma divisão de ideais que aprisiona o pensamento da sociedade a aceita o quem vem da liderança do país a viver conforme ele regram que é melhor ao povo não dando escolher para um caminho diferente ao que eles impõe</p>
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	Hitler
7	O que é política para você?	Política para mim é ex; é uma forma de expressão que visa uma série de ideias para uma sociedade lidando sempre com o governo e a população diretamente com o objetivo de melhorar convivência entro todos no geral é isso que penso.

### Entrevista nº10

	PERGUNTA	RESPOSTA
--	----------	----------

1	Qual a sua idade?	37
2	Qual a sua ocupação?	Coordenador disciplinar em uma escola Militarizada no estado do Goiás
3	Qual Região Administrativa você reside?	ARNIQUEIRAS
4	Tem alguma religião? Qual? É praticante?	Evangélico, não praticaente no momento.
5	O que é comunismo?	<i>(transcrição de áudio)</i> Bem, para mim o comunismo...é ...em sua essência, né? É algo muito bonito de se ler... porém ele não é... um sistema...um regime político... é... tão agradável assim quando você coloca em prática. Porque na realidade, nem todo mundo, nem todos governantes que governam através desse regime, eles são completamente honestos, né? E aí eles tomam para si todas as riquezas do país, né? Para os próprios governantes, e também para aqueles que estão ali, juntamente com eles, e o povo... sempre... se lascando, né? O povo sempre na pior. Eles nivelam...é... na realidade o comunismo era pra nivelar a situação de todas as pessoas, né? Todas as pessoas seriam iguais. Mas aí eles nivelam a população por baixo, deixa todo mundo pobre, enquanto eles são nivelados por cima, todo mundo rico.
6	Quem seria um comunista? Fique à vontade para dar exemplos.	<i>(transcrição de áudio)</i> É, exemplo do comunismo aí nós temos...o... que já foram...comunistas, né? o Hugo Chávez... temos os... os que ainda são...o... o Fidel Castro, o Raul Castro... né? O... o Maduro... temos agora na Argentina aí até... esqueci o nome dele... mas que já está mostrando as garras do comunismo, socialismo ali juntos, né? E... é isso.
7	O que é política para você?	<i>(transcrição de áudio)</i> Eu vejo na política um meio para se mudar o mundo, né? A política bem feita, a política honesta, o único meio na realidade para você poder mudar o mundo.. Porque mudar o seu município, mudar a sua cidade... é o único meio para que isso aconteça. Porque sem política você não consegue fazer nada, você não consegue... é... ter... programas sociais, você não

	<p>consegue ter.... é... educação, que é o básico que a política ali te... te oferece, te fornece, né, através do Estado. Hmm...O que a gente tem que fazer.... é melhorar... os nossos políticos, né? E começar a escolher políticos que têm propostas boas, políticos que são... honestos, né? Eu acredito que o Brasil já têm mudado aí... a sua forma de pensar, já vem mudando a sua forma de pensar.. mas a gente ainda têm muito o que melhorar. É... por último agora eu vi lá no Ceará, no município de Caucaia, alguns integrantes aí de um partido político foram presos comprando voto. Então, compra voto ali por cem, duzentos reais e a pessoa se vende, né? É complicado.</p>
--	---